

**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANA DE ATUALIDADES



A grande declamadora brasileira **Margarida Lopes de Almeida**, vem novamente a Portugal, desta vez em missão da Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

A excelsa artista é filha do poeta português Filinto de Almeida, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e da grande escritora D. Júlia Lopes de Almeida, glória das letras do Brasil.



**ANO V**

**PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 10 DE JANEIRO DE 1946 N.º 242**

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

DIRECTOR:  
JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR:  
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
EDITORA, LIMITADA

**PRIMEIRA COLUNA**

# Morte sem glória

POR ANÍBAL NAZARÉ

**M**ORREU sem glória aquela rapariguita do «Circo Mariosinhos», que caiu desastrosamente quando

fazia o «Quadrante em força dental». Nem o clamor da fama, nem a apoteose dos aplausos. Um circo humilde, que a cheio destruiu em parte, a miséria junto deles, entredita no trabalho dos artistas...

A Georgete tinha 13 anos e sonhava com a glória. E quando se sonha voar alto e as asas são curtas, a humildade dum circo ambulante chega para berço, onde se embala a glória...

A garôta era estimada pelos colegas e aplaudida pela público — público humilde dos bairros pobres, que comprava por meio escudo o direito de rir com os palhaços e de se enlavar nos trabalhos da Georgete e das irmãs...

Mas estava escrito que a ovesita do circo não poderia voar alto, até aos grandes «placards» luminosos com que se iluminam a glória e o sucesso. Estava destinado que ela cairia, em pleno trabalho, e morreria sem glória, entre público humilde, mas que, depois de rir com os palhaços, chorou com a morte da pequena artista...

E eu — não me perguntem porquê, porque receio não o saber explicar — lamentei a sua morte porque era nova, era humilde e gentil, mas, mais que tudo — por ter morrido sem glória!...

## COMEMORAÇÕES DO NATAL



S. E. o Cardinal Patriarca fala aos portugueses na sua alocução do Natal



Já é tradicional a festa na Brigada Naval

A distribuição de brindes às crianças, na Fábrica Favorito.



No Escola João de Deus



No Grémio Transmontano, com a assistência da sr.ª de Fragoço Carmona



No Sindicato dos Hoteleiros

# “A CONFERÊNCIA DE MOSCOVO NÃO SOLUCIONOU TODOS OS PROBLEMAS”

Por José Correia Ribeiro



Depois do última sessão realizada no Palácio de Spiridonovskaya, Byrnes, Bevin e Molotov saudam-se mutuamente.

**D**O longo relatório publicado no dia 28 de Dezembro de 1945 pelos três ministros dos Negócios Estrangeiros reunidos em Moscovo, concluiu-se que Bevin, Byrnes e Molotov chegaram a acordo nos seguintes pontos:

1) Considerar a bomba atómica arma à margem da lei, e desenvolver a energia atómica apenas para fins pacíficos.

2) Organizar uma Comissão do Extremo-Oriente para substituir a Comissão Consultiva. Esta nova comissão será composta pela União Soviética, Reino Unido, Estados Unidos, China, França, Holanda, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Índia, Comunidade Filipina, e terá a sua sede em Washington.

3) Organizar um Conselho Aliado em Tóquio, em que os Estados Unidos, a União Soviética e o Reino Unido terão cada qual um representante. A Austrália, Nova Zelândia e Índia escolherão entre si um membro.

4) Proclamar a independência da Coreia que, durante tantos anos, foi dominada pelo Japão.

5) Retirar o mais depressa possível as tropas americanas e russas da China.

6) Organizar uma Comissão dos Três encarregada de aconselhar o rei Miguel da Roménia a ampliar o governo romeno.

7) Reconhecer o governo búlgaro quando este incluir representantes de certos partidos democráticos. Esta cláusula refere-se apenas à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, e o governo soviético encarregou-se de aconselhar o governo búlgaro a tomar esta medida de alargamento do gabinete.

8) Preparar os tratados de Paz com a Itália, Roménia, Bulgária, Hungria e Finlândia.

A mais importante decisão é indiscutivelmente a que se refere ao desenvolvimento da energia atómica e do eventual controlo de todas as armas atómicas que ficam deste modo colocados sob a responsabilidade da Organização das Nações Unidas.

Quando hoje se reunir, pela primeira vez, a Grande Assembléa das Nações Unidas, a primeira questão a ser discutida pelos delegados vai ser, sem dúvida, a criação pela Assembléa Geral das Nações Unidas de uma comissão encarregada de todos os assuntos referentes à descoberta da energia atómica e correlativos.

Procurou-se assim apagar todas as suspensas e abrir caminho para completa e franca troca de informações acerca do mais cobinado segredo desta guerra.

Só por isso, este resultado já era muito importante, mas os ministros dos Estrangeiros, como vimos, conseguiram mais alguma coisa, isto é, solucionar toda uma série de problemas que a Conferência das Cinco Potências em Londres, deixara pendente.

Entre as comissões que se registaram com mais êxito contam-se o silêncio feito em torno da questão persa e das reivindicações russas à Turquia.

Além disso, embora os resultados da conferência tenham criado uma atmosfera muito favorável para a reunião da Assembléa Geral das Nações Unidas, alguns comentadores apontam a necessidade dos Três Grandes restabelecerem a confiança entre si e as pequenas potências.

Com efeito, deve recordar-se que há mais de seis anos — virtualmente desde Munich — as potências médias e pequenas têm sido quasi completamente

excluídas de qualquer participação efectiva nos negócios mundiais.

Muitas dessas pequenas nações aguardam ansiosamente as primeiras reuniões da Grande Assembléa para terem a oportunidade há muito esperada de fazerem ouvir as suas vozes e reintegrarem a sua influência no panorama político mundial.

Tanto em S. Francisco como nas recentes sessões da Comissão Preparatória de Londres, os pequenos países têm revelado genuína ansiedade em face daquilo que consideram a indevida posição privilegiada das Grandes Potências na organização mundial e o excessivo grau de influência sobre as suas directrizes que isto lhes dá.

A este respeito, o aparente renascimento do implícito princípio dos «Três Grandes» resultante das conversações de Moscovo, aliada à atitude equívoca da Rússia Soviética em relação a todas as pequenas potências em geral e a algumas pequenas potências em particular, fazem mais aumentar do que diminuir as preocupações e ansiedades dos interessados.

Estas dúvidas e suspensas entre as potências mais pequenas em relação às intenções dos «Grandes» deve subir imediatamente à superfície quando a Assembléa Geral for convidada a discutir as propostas de Moscovo para a organização de uma Comissão de Controlo da Energia Atómica.

A resolução, a que se chegou em Moscovo e que deve ser apresentada à Assembléa Geral pelos Cinco Grandes e pelo Canadá, contém propostas precisas sobre a maneira como esta Comissão deve ser organizada, quais devem ser os seus membros e os termos de referência.

Porém, nenhuma resolução é ou deve ser sacrosanta. A Assembléa deverá, portanto, criticar abertamente o que lhe for proposto e sugerir as modificações que julgar necessárias. Para isto, será preciso uma maioria de dois terços da votação, mas as Grandes Potências não terão meios de evitar essas alterações se a votação atingir realmente a maioria.

A criação da Comissão Atómica vai ser, portanto, a única oportunidade que a Assembléa oferecerá às potências mais pequenas para estas mostrarem que não estão dispostas a permitir que a Assembléa seja apenas uma companhia de fantoches destinada a sancionar todas as decisões tomadas pelos «Grandes» fora do quadro da organização mundial.

De todas as Grandes Potências, a Rússia Soviética é aquela que mais necessita de atenuar esta tensão existente entre as pequenas grandes e pequenas.

São estes os casos da Turquia e da Pérsia que ficaram esquecidos no comunicado de Moscovo. O governo soviético, sob este aspecto, devia rever a

sua atitude perante a Pérsia e a Turquia, atitude que está a provocar sérias perturbações não só nos dois países em foco, mas também em todos os países do Médio-Oriente.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos necessitam, igualmente, de dar provas cabais que tentam prestar a devida atenção às opiniões dos países pequenos em tudo o que disser respeito à organização mundial.

O cauteloso e sensato Ernest Bevin, cuja reputação com estadista é agora mais alta do que nunca, preveniu os seus compatriotas contra o optimismo excessivo resultante das conclusões da conferência.

Ninguém pode pôr em dúvida que a reunião constituiu um êxito político, um êxito político muito mais vasto do que muita gente esperava. A cooperação entre os Três Grandes está restabelecida.

«Mas — disse Bevin na conferência à Imprensa antes de sair de Moscovo — não quero criar no espírito público a impressão de que a realização dessa conferência como esta solução todos os problemas. Foi apenas mais um passo em frente.»

Várias vezes, nos últimos tempos, a harmonia prevalecente nunca simples e única reunião de Chefes de Estado ou dos seus ministros dos Estrangeiros foi interpretada como preságio infalível de futura concórdia internacional.

Conta-se que, certa vez, durante a guerra, Estaline largou uma retumbante gargalhada quando o intérprete lhe traduziu uma anedota que Churchill acabara de contar. Esta manifestação de hilaridade do chefe russo foi imediatamente apreciada com excessivo optimismo, como traduzindo perfeita identidade de opiniões entre os dois homens. Passado um mês, as divergências entre a Rússia e a Grã-Bretanha renasceram, dando ocasião a que os pessimistas obscurecessem o panorama internacional com as mais negras nuvens.

A verdade indutiva é que, embora a antipatia pessoal entre dois estadistas mundiais possa complicar as negociações, regra geral os estadistas mundiais não sacrificam o que consideram os interesses do seu país para serem parciais devido à presença dum personagem estrangeira ou devido à graça das suas anedotas...

Além de tudo isto, se bem que as reuniões pessoais dos estadistas tenham grande valor, importância e interesse, nunca podem ser um substituto adequado para a manutenção dum forte e permanente engrenagem de cooperação internacional, que funcione não no segredo das salas, mas sim à luz crua do sol.



Num intervalo de filmagens, Katherine Hepburn e Spencer Tracy revêem o diálogo da cena que vão rodar a seguir. Trata-se de «Sem Amor», versão cinematográfica da peça de Philip Barry — filme que nos conta o «desencontro» dum casal, que não se entende... Ao contrário do que o título indica — o amor é o grande motivo da acção...

# A GLÓRIA DE LUMIÈRE

POR FERNANDO FRAGOSO

**P**ASSOU, há dias, o cinquentenário do cinema. Foi, com efeito, a 28 de Dezembro de 1895, que os irmãos Lumière apresentaram ao público, nas caves do Grand-Café, os resultados do invento maravilhoso. E esta data, a despeito de todas as controvérsias e das rivalidades de nações que reivindicam, para si, a honra da descoberta do Cinema — Alemanha, França, Inglaterra e América — é, apesar de tudo, aceite unanimemente como o advento das imagens animadas.

Impossível determinar categoricamente quem descobriu o cinema. Porque o cinema é o fruto de múltiplas descobertas e aperfeiçoamentos, que vão desde a fotografia até aos sistemas ópticos. Certamente que há passos fundamentais. E que os Lumière resolveram um grande problema quando imaginaram o processo de imobilizar a imagem durante o tempo indispensável para a projectar — e, simultaneamente, cortar a luz entre a sucessão das diversas imagens dum filme — eis outra conclusão indiscutível.

A descoberta dos Lumière veio, como dissemos, resolver um problema. Mas já por volta de 1860, Marey, Le Prince, Friese Greene, Demeny, Edison, Dickson e Anschutz haviam realizado nos seus laboratórios, ou no decurso de conferências demonstrativas, apreceções fotográficas animadas.

Mas foi a sessão do Grand-Café a primeira sessão cinematográfica pública, com entradas pagas? Nem isso. «Os americanos» — diz-nos Georges Sadoul — porque foram os primeiros a conhecer o filme perturado de Edison, também os primeiros a realizar projecções públicas, com entradas pagas, e que marcam o início da indústria cinematográfica: Acme le Roy (22 de Fevereiro de 1895), Latham (2 de Maio de 1895), Armat e Jenkins (Setembro de 1895), imediatamente seguidos do alemão Skaldanovskí (Outubro de 1895).

Qual, então, a glória de Louis Lumière? Porque motivo o mundo se pôs de acordo em que o cinema começou verdadeiramente na noite de 28 de Dezembro de 1895? A razão é muito simples. Porque Lumière é o primeiro a compreender que o filme era o instrumento ideal para reproduzir a vida. Enquanto os filmes de Edison se apresentavam com a «sintetia mágica» e os ingénuos e primitivos desenhos animados, no primeiro espectáculo dos Lumière é o sóro admirável da vida que o público encontra, na parede branca da sala obscurificada:

— Vejam as árvores do fundo? Olhem como elas mexem!...

Este grito de surpresa, dos primeiros que se ouviram no meio da plateia assombrada, ia repetir-se, nessa noite, constantemente, ante o milagre do cinema, que levava para as caves do Grand-Café a «gara» de Lyon; o mar de Cyrot; as facélias do regador-regado; a «charrette» que avançava a trote; e a parade que ruía, numa nuvem de pó...

E assim, enquanto os espectáculos de Edison eram um desastre financeiro, os de Lumière constituíam um êxito de bilheteira de assombor. O FILME, para os Lumière, tornara-se no elemento fundamental do espectáculo. O resto era simples aperfeiçoamento mecânico.

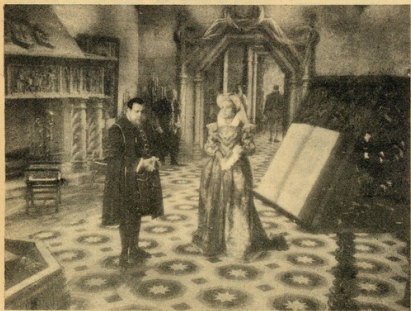
Mas o cinema deve alguma coisa mais aos Lumière. Foram eles que divulgaram o maravilhoso invento. Edison, até então, construíra um ou dois aparelhos. O êxito dos espectáculos, aliás, não era de molde a animá-lo. Mas os Lumière tinham o seu cinematógrafo apoiado numa das maiores fábricas de artigos fotográficos do mundo. E o novo invento beneficiou da organização. Foi dos Lumière que o cinema recebeu, como indústria, o seu primeiro e decisivo impulso. Três meses depois da sessão do Boulevard des Capucines, o «Cine-matógrafo» dera a volta ao mundo.

Saudemos, pois, em Lumière o homem que soube fazer do cinema a máquina de reproduzir a vida — o deus o impulso decisivo para alcançar, industrialmente, as possibilidades maravilhosas de que disfruta nos nossos dias.

## Os magestosos cenários de "O Trinca-Fortes"

**L**ENTA, mas seguramente, «Camões, o Trinca-Fortes», o novo filme de Leitão de Barros, vai tomando forma. Pode dizer-se que os «interiores» estão terminados e que se impõem pela majestade das suas extraordinárias proporções. Sob este aspecto, «Camões» é, desde já, e indiscutivelmente, o maior filme devoto a cabo nos nossos estúdios.

Damos, com estas linhas, duas imagens do filme. Uma representa a fase inicial dum duelo que Camões travou no Paço de Coimbra. Na outro, D. João III (João Villaret) e o Infante D. Maria (Julietta Castello) encaram com apreensão um delicado problema do corte.



## O NOSSO CONCURSO

Quando sair este número da nossa revista, já estão escolhidos as leitoras de «Vida Mundial Ilustrada» vencedoras do nosso sensacional Concurso para intérpretes do filme «Matinée às 4».

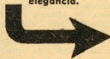
No próximo número daremos os seus nomes e fotografias, mas podemos, desde já, anunciar-lhes, que o seu número é muito superior a doze — o número que tinha sido previsto.



Durante as filmagens de «O Diabo são Elas...», Oliveira Martins conversa com Ladislav Vajda, o realizador daquele filme e que dirigiu Milú em «Dose Luas de Mel». Encoberta com o «parabrís», Milita Meireles. Ao volante, o actor espanhol Brodero.



Eleanor Powell, a extraordinária bailarina, rainha do «tap-dance», parece quedar-se na postura de quem vai iniciar um bailado. E daí talvez se limite a «posar» para o fotógrafo, ansioso por lhe surpreender a graça, a beleza e a elegância.



Margaret O'Brien teve este ano a sua árvore de Natal sem brinquedos. Como boa patriota, substituiu-os por «coupons» do empréstimo de guerra. Ainda que este haja acabado, ele entende que o hero é de sacrifícios — e que emprestar à Nação é servi-la, sob todos os aspectos.



**Q**UE a publicidade estabeleça confusão entre filmes portugueses e filmes estrangeiros dobrados em português — vá. É feio, desonesto, mas como a publicidade é, até certo ponto, a arte de ludir o próximo, o crime não se pode medir pelo código comum. Agora que os críticos, em postos de responsabilidade, se deixem ir no canto da serela e revelem lamentável ignorância, lendo apenas pela cartilha do «publicity-man» — isso é que nos parece mais do que condenável, simplesmente-inadmissível.

Pois ainda há dias, leitora, o crítico da Emissora Nacional dedicou a «Madalena...» zero em comportamento, uma crítica suculenta, em que procurou situar o cinema nacional no quadro das outras cinematografias estrangeiras, concluindo por aparentado com a Italiana. E tudo isto, distamos, a propósito do filme nacional «Madalena...» zero em comportamento, que é apenas a versão hispano-portuguesa, dobrada na nossa língua, dum filme italiano, película levada a cabo em estúdios espanhóis — e que, portanto, de nacional tem a presença de artistas portugueses, breves pontos de referência no diálogo, dado através da sempre detestável dobragem.

Esclareça-se que não temos qualquer má-vontade contra a fita, cuja carreira demonstrou, aliás, o agrado e a simpatia do público. Tudo isto, afinal, vem apenas como comentário à circunstância verdadeiramente extraordinária de ouvirmos a nossa primeira estação emissora tecer prolixas considerações sobre um filme — muito conveniente de que dum nova produção da cinematografia nacional se tratava...

E perguntamos: Quando o crítico da E. N. não souber distinguir o filme nacional da versão dobrada em português — quem é que há-de saber?...

NOTA  
DA  
SEMANA

ACTUALIDADE DA POESIA

«CARTAS DE FERNANDO PESSOA A ARMANDO CORTES RODRIGUES»

que o lê e admira. Foi um serviço muito valioso do que certamente se supõe o que a Editorial Confluência prestou com a edição desta obra.

«DESCOBERTA», por João José Cochofel

PARACE que a poesia, como forma literária de expressão do homem e dos seus problemas, está sendo cada vez menos actual entre nós. A predilecção pelo abstrato e pelo demasiado accentuada nas novas percepções para que a sua influencia neutralizasse sobre outros géneros de literatura — se accuse cada vez mais senativamente; e por isso concorre ainda a raridade das obras poéticas inovadoras pelo tempo que temos vivido e que só excepcionalmente fazem ouvir-se entre o estrondo das coisas novas invadindo e dominando as consciências. O lirismo, com efeito — e ao lirismo nos referimos quando falamos em poesia, por terem morrido há muito a epopeia, a tragédia em verso e outros géneros que a poesia tradicional — parece caracteristica até necessidade das épocas em que se vive devagar, em que não se espera nenhuma grande coisa. O tempo de agora precipitosa-se, absorve, arrasta — e o genuíno poeta afugurase voz solitária e sem o que se pode apreciar a beleza mas que não subjugua. As almas presentes e desespezadas ouvem alguma coisa que ressoa na própria vida e não nas suas expressões artísticas; e essa adivinhação da vida encontra-se muito mais remota no romance ou no conto, pelo menos como forma de comunicação em que semelhantes ansiedades se dirigem ao mesmo fim.

O genuíno, o autêntico poeta, foi sempre uma extraordinária e rara espécie humana — como o santo ou o filósofo. Actualmente, parece a quasi todos nós um fenómeno extraordinário, uma coisa que resuscita os ecos mortos das gerações de poetas em que a humanidade ou a que há nele se exprime plenamente. Talvez possa dizer-se que a poesia é hoje uma sobrevivência, mesmo quando recorre ás formas mais combativas; e o interesse pelos poetas é um resgato de certos espiritos, não um estado natural.

Foi esta colectânea de correspondência publicada há já algum tempo, se não estamos em erro, pela Editorial Confluência; mas o livro tem muito interesse e importância da publicação das obras de Fernando Pessoa para que se não faça nesta página uma menção de oportunidade. O problema maior que lhe suscita é a da sinceridade da obra de Pessoa como homem e como artista; e diz-se o maior porque a insistência, a inquietação, a curiosidade quasi deslumbrada com o problema da juventude, actualmente, requerem da observação crítica um escriptulo muito especial.

A importância do problema da sinceridade em Fernando Pessoa reconhecido ou adivinhado muito justamente José Serrão no prefácio que escreveu para estas cartas, publicadas por sua iniciativa e diligência. Deve notar-se que o processo de interpretação critica e psicológica de José Serrão — pela referência das grandes questões ás mais simples — não é muito seguro, sobretudo tratando-se de personalidade evidentemente complexa como foi o autor da «Ode Marítima». Não é por essa via, certamente, que pode definir-se o problema da sinceridade em Pessoa; e foi por caminho contrário que o prefaciador das suas cartas tentou com talento e justiça muito apreciáveis a explicação dos heterónimos do poeta, por uma síntese unificadora.

A falta de sinceridade na obra de Fernando Pessoa que tantos factores atestam não diz nada em nada o valor e a altitude da sua individualidade poética. Parece ter existido nele, com efeito, uma espécie de permanentes generalismos, tanto em direcção ao publico para que escrevia, como relativamente á sua vida interior. Em muitos casos essa figuração teatral dos seus estados de alma parece representar, mais do que qualquer outra coisa, uma curiosidade especulativa em lidar dos «efeitos» desses estados sobre si próprio, assim como sobre os outros.

A própria preocupação por si próprio, expressa repetidamente nestas cartas a um poeta, como ele próprio, e seu intimo amigo, não prova, antes contraria, a hipótese da sinceridade; mas em outros passos, justamente quando o seu estilo epitológico ganha mais paixão e fluência, é elle que confessa quasi custosamente e com nitida amargura «Levo horas a intrujar-me a mim próprio...». Repare-se ainda no tom declamatorio, mediocre e falso com que Fernando se apresenta insistente na necessidade de servir a civilização e a humanidade por meio da arte; nessa preocupação, tão estranha num lirico que se dá ao trabalho de passar o tempo em futuros; nas revelações que aforam em algumas destas cartas — como na poesia, em mais difficil expressão de certos estados de historio-anímicos e teatrais, como essa «amundinidade» de 19 de Setembro de 1916 — e em outras, mostrando própria dos historicos a carenia constante de sinceridade consigo mesmo e com os outros; e com que Fernando se apresenta insistente nas linhas anesadas e em lugar de expresso mais jornalístico do que critica; mas é esse mesmo o que se destaca, o que mais é preciso destacar, a propósito deste livro de cartas que vem esclarecer um Fernando Pessoa de Indisfinitivo génio, mas comprometedor para a juventude despreviada

«PORTUGAL EM VISTO PELOS ESTRANGEIROS»

A colecção de textos de viajantes estrangeiros em Portugal, que começou agora a publicar-se sob a direcção de Castello Branco Chaves, vem trazer á cultura portuguesa um dos seus mais valiosos temas de reflexão. Os que se voltam para a história no intuito de compreenderem a nação actual; os que apreciam na visão cosmopolita da vida o que ella oferece de maior veracidade, justiça e variedade de perspectivas; os que procuram documentos imparciais e seriamente sobre a índole do nosso povo e da nossa existência colectiva — têm nesta collecção o mais interessante material de estudo e meditação.

O primeiro volume editado na série annunciada — cujo significado cultural justifica esta noticia — insere o texto integral das memórias de José Jordani na parte relativa ao nosso país. É uma fiel e suggestiva reportagem da época pomelina, da personalidade do Ministro, da sociedade portuguesa do tempo, etc. Em seguida, conforme se anuncia neste primeiro volume da serie, apparece a obra de Costigan sobre a vida social portugueza no tempo de D. Maria; e, successivamente, os estudos de Lechnowsky, Baretti, Carmide, Dumouriez, Murphy, etc.

As traduções são rigorosas e integras, e a direcção de Castello Branco Chaves, cujo logar na litteratura de pensamento e critica já he bem definido, assegura á Collecção uma unidade de critério e um valor informativo que raras vezes encontramos em trabalhos desta índole. A importância da obra ultrapassa, efectivamente, o nivel habitual da chamada vida do espirito neste país. É um empreendimento de alto calado, cujo resultado se honra esta página e em cuja execução se acredita inteiramente o país inteiro. Oportunamente se fará a apreciação critica do livro de José Jordani e, em particular do prefácio que Castello Branco Chaves para elle escreveu.

LIVRARIA ECLECTICA LIVROS NOVOS E USADOS Compra e venda de livros e bibliotecas Calçada do Combro, 58 — LISBOA

DE FERNANDO PESSOA E O ESPANHOL ERUDITO

nome de Karl Vossler, muito conhecido entre as classes cultas da Espanha, é muito menos conhecido em Portugal sobre cultos e tradições literárias e intellectuaes se tem debruçado algumas vezes com prudência e escriptulo de quem não está ainda suficientemente informado.

A sua attitude perante os problemas da cultura hispânica é de o erudito e não o do interprete rasgado, dispondo mais de palcio pelas causas psicológicas e sociais do que de verbetes; e se as suas interpretações tem interesse literário e critico, por situarem os problemas portuguezes no raro que tem estudado expressamente — em nivel superior de cultura europeia, não emolomam nem inquietam pela frêza bibliotecária que os caracteriza.

Karl Vossler nasceu em Hohenheim em 1872; estudou em Munich, onde ganhou o grau de pro-

Neste volume, apresentado pela Coimbra Editora, reuniu Cochofel os versos que considerou perenes do proprio ritmo, adverte em breve e advertencia que a obra até agora publicada representa uma aprendizagem no sentido do objectivo e do concreto. Só a obra futura poderá estimular a mais seguramente; e o que importa tanto por agora, em face destes versos tão simples e límpidos é a veracidade de um despoimento de poeta que não julgou necessário fugir á vida para a sentir e a compreender melhor — sobretudo a origem mais séria e profunda dessa attitude manifestamente sincera.

O ingresso de Cochofel, como poeta, na objectividade efectiva não por uma deliberação convencional — como em tantos poetas jovens de agora se verificou — mas através de um flagrante e feudo sentimento da natureza que se prolonga humanissimamente até a humanidade; sentimento que toma gradações reais desde o primaveril e fresco amodo do campo até a melancolicamente embalado na chuva e no vento. Quando falta de lágrimas é como se fossem gotas de chuva que caem melancolicamente, quando falta de amor é como estado naturalista transfigurado em cadências interiores de sentimento que os versos exprimem; quando manifesta a sua sinceridade é como se os elementos vivos da natureza, em que o homem se integra, se insurgissem contra o artificial que bombardeia os sentidos e mascara o atalcaço.

Na estetica da sua poesia, Cochofel pratica a leveza e a naturalidade — virtude perigosa porque conduz muito facilmente, e neste livro algumas vezes o critica ao banal e mediocre.

Mais se lamenta, porém, que o tédio continue sendo um dos temas favoritos de Pessoa — mesmo nesta poesia em que se apelo humano é tão vivo e forte. O tédio é sentimento de desocupados e inúteis; por isso foi o estado e o motivo poético dominante em toda a civilização da primeira metade do século. Mas, o poeta o escreve neste livro: «isto... ainda há-de acabar» e é, certamente, a mais sobre e também a mais legítima das suas esperanças.

«SERBENA-ME», por Sebastião da Gama

Foi Goethe, antes de mais ninguém, quando parece, quem reconheceu como o lambre sintonizador do verdadeiro artista a inquietação; e Azorin, em «O Espectro», afirma que essa inquietação do artista pode tornar histérico e indifferente a si mesmo e em cada momento de ser outra coisa dissonante, e de não ter a necessária confiança em si mesmo, e logo a seguir desconfiando da própria e comunicação efusiva». De tudo isto se encontra manifestado e caracterizado na obra de Sebastião muito jovem que vem abitamente tomar lugar no primeiro plano da nossa litteratura lirica.

Sebastião da Gama é, ingenuamente, um artista de grandes possibilidades que surge — e não...

(Continua na página 14)

fessor ordinário de Filologia Romântica na respectiva Universidade. Os seus primeiros estudos de categoria internacional tiveram por motivo Daniel Defoe e a lingua franceza, e a sua orientação como teórico da especialidade publicou a obra de maior fôlego de toda a sua carreira de escritor: «Positivismo e Idealismo na linguagem». Esse trabalho produziu a sua obra mais importante, a de defender orientação original e nova nos estudos filológicos. O estudo «Cultura e lingua da França» e também, a sua interpretação actual da cultura franceza através das características da lingua franceza — mantendo o ponto de vista exposto em todos os seus livros, de que a lingua é uma expressão de caracter nacional do mesmo modo que a litteratura.

Além destes livros consultar-se ainda especial notoriedade a linguistica e o ensino da lingua espanhola, «Filosofia da lingua», «Lope de Vega e o seu tempo», «A solidão na poesia espanhola», «Efeitos da cultura e da lingua portuguesa no interior da Academia das Ciências», «Realismo e Otimismo na poesia lus-espanhola do Século de Ouro».

Em época já adelantada da vida dirigiu o grande dramaturgo Hugo Von Hoffmannsthal a «Carta hispânica», que é considerado no país vizinho um dos documentos mais interessantes da cultura europeia conhecida da lingua e da cultura do mesmo modo que a litteratura.

O seu interesse pelo nosso país tem sido indirecto mas destacado na sua obra, consagrada á cultura latina e aos valores mais representativos como que a cultura e a litteratura do património intellectual e artistico da humanidade.

# CALÇADA DA GLÓRIA



MEIAS

Uma senhora das relações desta «Calçada» comprou, há pouco, um par de meias — por trezentos mil réis. Ao pedir o dinheiro ao marido, éste objectou:

— Tem paciência, filha, não pode ser... Trezentos mil réis é muito... É uma fortuna...

— Tem paciência, Artur... Tens de obedecer à Lei... de Meias!



APETITE... DO ALHEIO

D. João III perguntou, uma ocasião, a um físico da corte:

— Que me receitais, que de comer nada me apetece?

— Como do alheio, meu senhor — respondeu o físico — e verá que lhe sabe bem...

Parece que éste remédio, por aí tão divulgado, é excelente para abrir o apetite. Pelo menos as pessoas que comem do alheio vão sendo cada vez em maior número. As farmácias da especialidade é que são cada vez menos.



OS DOIS COLABORADORES

Rocha Martins e Lopes de Oliveira iniciaram a publicação duns cadernos — a que deram o nome de «Cadernos Históricos». Rocha Martins e Lopes de Oliveira, com esta publicação, vão lançar-se, de braço dado, sobre a História, extraindo dela não apenas o sumo, mas o exempl. Quisemos, por nos parecer oportuno, ouvir os dois colaboradores — ôcêrcu um do outro.

— Diga-nos, senhor Rocha Martins, qual a sua opinião sobre Lopes de Oliveira?

— Um talento — com uma coisa a mais: os seus bigodes!

— Diga-me, senhor Lopes de Oliveira, qual a sua opinião sobre Rocha Martins?

— Um génio — com uma coisa a menos: os meus bigodes!

É bem certo que **les bons esprits ne se rencontrent** — pelo menos debaixo do nariz...

## GANDHI

**T**IVE, há dias, notícias de Gandhi. As notícias que me chegaram, diziam-me que o famoso caudilho, que reivindicava para a Índia a independência política, estava cada vez mais indiano, mais magro e — oh! Inversimil — mais nu. Ora se Gandhi está cada vez mais nu, temos de admitir que o seu prestígio é cada vez maior — porque o prestígio d'êste homem místico esteve sempre na — razão inversa da roupa que o cobre. Quando uma manhã, há anos, Gandhi desembarcou em Folkstone e, poucas horas depois, surgiu em Londres apenas embrulhado num pano de casimira branco com um chálce por cima, e os pés — uns pés nodosos, gatosos, artríticos — enfiados numas sandálias tóscas, John Bull (que o recebeu de chapéu alto), estremeceu como raramente lhe terá sucedido no seu illustre carreira. No dia seguinte Gandhi, que apparecera no «City»

quasi com a mesma «toilette» transparente com que viera ao mundo, tinha conquistado uma assombrosa popularidade — e fazia dessa popularidade uma arma política que manejava em favor da Índia. Um inglês meu amigo dizia-me por êsse tempo: — «Se Gandhi chega a atravessar no as ruas de Londres, a Índia será livre!». As notícias que me chegaram d'êste estranho visionário oriental robustecem a convicção daqueles (entre os quais me conto), de que Gandhi, fiel ao seu programa político, continua a despir-se sistematicamente — se é que elle ainda tem alguma coisa que despir, a não ser a pele. Há quem afirme que no mundo a «toilette» é tudo: a elegância, a opulência, o espavento, a individualidade — e as convicções. Gandhi pretende provar-nos que a «toilette» não é nada e que a única coisa que, sob o sol, tem realmente valor, mesmo político — é o ósso em pêlo.



## O EXAME D'ÊSTE MENINO

- Como se chama?
- Augusto Cunha.
- Que idade tem?
- Vinte e três anos e tal...
- É casado ou solteiro?
- Era solteiro, mas casei.
- Onde nasceu?
- No Largo da Graça.
- Onde mora?
- Na Praça da Alegria.
- Em que se emprega?
- Nas repartições do Estado.
- Tem algum curso superior?
- Não tenho. Sou apenas formado em Direito.
- Mas publica livros e escreve nos jornais?
- É certo. Faço-a, porém, na melhor das intenções — como os farmacêuticos fazem remédios para o figado.
- Quais os escritores que mais admira?
- Aquelles que ainda não li.
- Gosta de viajar?
- Muito — sobretudo de carro eléctrico.
- Qual a sua fiôr predilecta?
- O Botão... da Rosa.
- Qual o seu ideal politico?
- Ainda sou muito novo para jogar a batata.
- Estou satisfeito.

Terminara o exame. Augusto Cunha, mesmo sem ter metido o seu apelido, obtivera uma distincção. A êle, e a tida a familia, os mais vistosos parabéns da «Calçada da Glória».

# EM BUSCA DE UM SUICÍDIO O "METRO" MADRILENO, A SUA VIDA, O SEU TUMULTUAR, A SUA DEMOCRACIA...

Reportagem especial para "Vida Mundial Ilustrada"  
POR LUIZ DE QUADROS E JORGE GARCIA

lembrou-se de nos falar daquelas estúpidas discussões nos «electricos» lisboetas entre os passageiros, ou entre estes e o «condutor», que, por sinal, só cobra e nada condiz... Achamos graça à lembrança e atribuímos «intelectualmente» as desavenças «passageirísticas» à pressão atmosférica e à altitude baixa, como as poderíamos atribuir à má-criação e à indisciplinada.

E quando o nosso fotógrafo tomava uma posição estratégica a ver se alguém se decidia a jogar-se à linha, nós abeiramo-nos de um funcionário do «Metro» com o fito de conseguir alguns dados de interesse para uma reportagem quasi prestes a falhar... Sabemos, então, que diariamente desembarcam na «Puerta del Sol» mais de 98.000 passageiros; que cada par de carruagens custa hoje 750.000 peetas; que num ano o «Metro» consome 43.251.760 kilovoltios-hora; que os passageiros transportados são no primeiro ano, postos em «bitcha», dariam três vezes a volta ao Mundo; que está calculado que cada madrileno toma o «Metro», durante o ano, pelo menos 260 vezes; que... etc., etc. Bom falador, como bom andaluz, o empregado queria, à viva força, fornecer-nos dados e mais dados. Entre todos, o único de maior

interesse para os portugueses é que a primeira linha foi inaugurada em Outubro de 1919.

E já fartos de andar debaixo de terra tanto tempo, amosados de lua do sol, esqueçemos os suicídios do «Metro» e as torturas dos apertões...

Uma vez em plena «calles», e quando nós dirigiámo-nos para um «bar» a ver o «côr do café» com leite madrileno bem escaldado de «churros», salu-nos ao encontro um colega espanhol que alegremente nos abra um «¿Qué hay?», fórmula sintética de saudação castelhana.

— Que hay, no; que no hay!... — responde-lhe jovialmente Jorge Garcia.

— Que no hay... que no hay quê?! — Suicídios no «Metro»...

— Hombre, claro, hoy dia todo el mundo quiere vivir... Eoo hay parado hace mucho!...

Oíhamos um para o outro, compreensivelmente. Haviam-nos enganado. De facto, a vida é bela de mais para ser brutalmente esmagada sob as rodas de um comboio, e ao que nós dizem (nós nada sabemos disso) as ex-vivgens de hoje, parece que até têm muito orgulho em o ser...

O romantismo fallu definitivamente.

## MADRILENO DE HOJE

Como vai ao suicidar-se com isto sorriso que reflecte a sua alegria de viver?

NÃO se foi o grande Alberto Londres quem disse que um repórter e um fotógrafo podiam ser todo um jornal... Não garantimos se a frase é do grande jornalista francês; porém, o que não deixamos de reconhecer é que, mesmo revestida de grande exagero, a expressão tem lalvos de verdade e é deveras interessante. E se em vez de jornal dissermos revista ou «magazine», quasi poderíamos dizer que «Vida Mundial Ilustrada» andou esta manhã durante mais duas horas a «viver» a vida subterrânea desta grande capital que é Madrid.

Bem municiado de boa disposição e armado com a sua inseparável «Leica», Jorge Garcia, o grande fotógrafo «alfachina», foi seguramente hoje um dos primeiros passageiros do «Metro» madrileno. Após a sua primeira viagem, nós acompanhámo-lo depois durante um rôr de tempo viajando de um extremo a outro da cidade, cruzando Madrid de ponta a ponta, um viajar disparatado em busca de um bom assunto para reportagem, assunto que não quis chegar...

E o assunto que amosadamente desejávamos era, nada mais nada menos, um espectacular suicídio de uma guapa ex-vivgen arrependida de ter peccado... Haviam-nos falado da grande quantidade de mortes voluntárias que anualmente se dão nas estações do «Metro», e como entom nos affiançaram que as ex-vivgens preferem as primeiras horas da manhã para porrem um ponto final de sangue à sua trágica desilusão nas «gares» do «Metro» menos concorridas, eis porque seámos uma infinidade de tempo em busca de um

suicídio de qualquer sexo que não se dignou aparecer. De Vallecas a Tetuan, de Ventas a Cuatro Cameros, de Goya a Argueltas e vice-versa, paramos em todas as estações a ver se alguém se decidia... Porém, foi nos casis subterrâneos da Puerta del Sol onde mais tempo estacionamos.

Aquella hora matutina o movimento de passageiros é ali espontâneo. Operários, caixeiros, militares, costureiras e burocratas, constituem uma torrente humana que escorrega através das ruas subterrâneas que ligam as três «gares» sobpostas de três linhas diferentes do «Metropolitano» de Madrid. Gente humilde, gente produtora que trabalha nos quatro polos da urbe limensa e sempre longe, muito longe dos seus lares. E o «Metro» fêz-se para ela, o «Metro» é seu, faz parte integrante do seu viver...

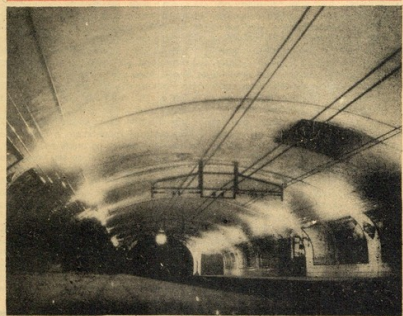
E que aquêle comboio veloz que perfura continuamente o ventre de Madrid é baratissimo, tão barato que até é meio de transporte dos mais pobres, pobres de pedir. E assim, aos nossos olhos portugueses causa espanto ver um senhor capitão, de botas altas e marcial arrogância, junto de um fato de ganga proletário, que não inveja aquêle pela simples razão de que após a guerra civil pôs de lado os três galões de sargento para voltar à sua officina ou à fábrica de produção continua, onde já é capataz. E que um bom operário ganha tanto como um qualquer capitão que veio do povo e está ali para defender o povo. Dêste modo, o «Metro» é o meio de transporte mais democrático que conhecemos. Não há classes, não há comodidade — há velocidade e tarifas ligas para toda a gente!

Mas o nosso prevarico desejo de nos horrorizarmos jornalística e humanamente com a morte voluntária de alguém, levou-nos a buscar outra estação. E, empurrados por uma multidão egotica que em alguns momentos desejamos insultar, entramos, absolutamente descontrolados, numa carruagem cujas portas, ao silvar da automotora, se fecharam automaticamente num «ploc». Mas no «Metro» não há lugar para discussões — uma palavra ofensiva de qualquer forasteiro não iniciou daquela aparente barbúria, é devolvida com um «chiste» gracioso, bem madrileno, que arranca gargalhadas daquela massa humana ali comprimida como sardinhas em lata...

Quando saímos em Atocha para nos livrarmos daquele apêrto, Jorge Garcia, recémchegado de Lisboa,



Entrada na estação de Atocha



Um aspecto do «Metro»

Na estação de «Argueltas»





# JOSÉ DO TELHADO

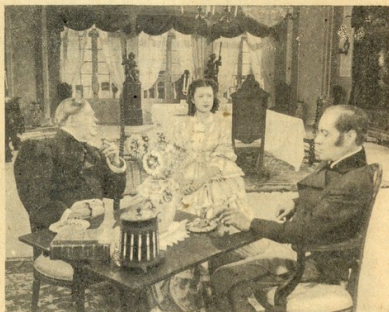
**E**STREOU-SE, há pouco, no Coliseu do Porto, o novo filme português «O José do Telhado», realizado por Armando de Miranda, com música de Jaime Mendes e apresentado por «Exclusivos Triunfos».


Trata-se duma película de extraordinário interesse, não só pelo facto da principal figura ser o lendário José do Telhado, como pelo magnífico «cast» que o interpreta.

Virgílio Teixeira, Adélia Campos, Juvenal de Araújo, Patricia de Lancastre, Patricio Alvares e muitos outros nomes conhecidos do público figuram na interpretação.

O público da capital vai ver a nova realização de Armando Miranda, na próxima semana, no Politeama.

E não vai, por certo, dar o seu tempo por mal enregado.



 Exclusivos Triunfos, Lda.



## JANELA ABERTA

### A tosse nos espectáculos

**A**INDA não sei como não se tornou medida obrigatória a exclusão, das plateias, no teatro declamado, dos pigarras, espirros e toses.

Isto até, porque, se continuar assim, passa a não haver teatro, para existir concerto filarmónico de lenços e narinas fungando. Bem sabemos que os bilheteiros não podem «linhar» se os espectadores estão constipados — e desde que não há, anexo ao «hall», um gabinete reservado para ligeiras inspecções — o mal há-de subsistir, ou o teatro declamado há-de acabar.

Já nos concertos acontece o mesmo. As vezes, atentamente, o público vai seguindo um solo de obóe. É uma coisa lírica, de sonho, um requinte, que o artista, apaixonado, faz passar, num frémito de entusiasmo, pela assistência. Num dado momento, porém, dum canto da sala um cavalleiro espirra. Daí a pouco outro segue-lhe o exemplo. Depois, é dum camarote que vem uma tosse afilut, e da geral um vociferio de reprimenda: «Schli! Schli!».

Fronto! A ofensiva do barulho está desestruturada. Já nada a poderá deter. De modo que, parte da assistência perde o solo para só ouvir a tosse do cavalleiro, o espirro da menina ou o «schli» do burguês — que poderão, na verdade, ser muito interessantes, mas que, afinal, não vinham no programa.

Interrompe-se Beethoven — e ouve-se um espirro. A tosse, o fungar, podem ser, absolutamente, orquestrações vocálicas — nada de desprezar quando ensaiadas a primor. Há, mesmo, no tossir, escalas — desde os agudos aos graves. Mas, senhores, paga-se o bilhete para ouvir os instrumentistas — e nunca os constipados.

Já em certos espectáculos não é permitido levar crianças. E porquê? Evidentemente porque a burguesia não acha vantajoso levar-se um miúdo de seis meses, de chucha na boca, a ouvir o garganteado da Herminia, que não percebe, ou o «jockey», no Campo Grande, a saltar obstáculos.

O facto, ali, de a criança ficar no berço resume-se só no não entender. Se a criança com aquela idade já pedisse siba num fado de revista ou apostasse pelo cavalo do marquês de Ermezinda evidentemente que a família, sorridente e feliz, levaria o ctraíro de carrinho só para que ele deitasse a assistência com o chinfrim das birras. Ora vem isto tudo a propósito do teatro declamado. Nunca nos aconteceu ouvirmos uma peça em que a assistência não tenha marcado, nitidamente, a sua presença, aliás respeitosa, por um ruído ensurdecedor de toses, espirros, falar alto e arrastar os pés. Pode mesmo dizer-se que o teatro é o sítio onde a tosse gosta de fazer as evoluções

(Continua na página 16)



O sr. Presidente da República fazendo a sua alocução ao povo português



Exposição póstuma de Mestre Sousa Lopes, no Museu de Arte Contemporânea.



No passado dia 31, realizaram-se, nos armazéns da Vacuum, em Santo Amaro, as tradicionais festas do Natal. Assistiram numerosos reformados da Companhia, e foi prestada homenagem aos empregados com 25, 30 e 35 anos de casa. Presidiu o director geral da Companhia, sr. Eng.º A. Pinto Basto. — A festa do fim do ano na Vacuum assistiram cerca de 150 crianças. Houve espectáculo, bolas, brinquedos e muita alegria.



A Exposição Celestino Alves, no S. N. I.



O jornalista e crítico de cinema Roberto Nobre, falando na Casa do Alentejo, na sessão comemorativa do cinquentenário do cinema, promovida pela «Socora Novas».



A partida do Dr. Teotónio Pereira, novo Embaixador de Portugal no Rio de Janeiro.



A Embaixada do Madri Parisiense é chegada ao aeroporto do Partela de Sacavém.

# SE EU FÔSSE POLÍCIA!...

Por PEDRO SANTOS

**P**ERDÔEM-ME o atrevimento ou a ambição, Desculpe-me a irreverência.

Mas a verdade é que são humanos todos os sonhos, todos os anseios, desejando justamente, e só, o que se na figura impossível de ser ou conseguir.

E eu não vislumbro maneira legal ou ilegal de ser polícia. É esse facto que me faz raiva.

Passo no Rossio, deço a Rua do Ouro, subo a Rua Augusta e que pena... eu não ser polícia!...

Mas, dirás tu, leitor pacífico, se eu fôsse polícia, que milagre ou benefício adviria para o mundo?

Eu te confesso, aqui em segredo, o que aconteceria, e tu serias o primeiro a sentir o peso da minha «autoridade».

Nesta cidade de mármore e granito à beira-mar plantada, o peão indígena faz o que lhe dá na real gana, e, se alguém lhe corrige os desviados movimentos, é o fim do mundo.

Ai!... Se eu fôsse polícia!...

A propósito: há uns meses tive conhecimento que um amigo meu foi atropelado por um automóvel.

Revoltei-me contra o sucedido, e quase fiz um comício de protesto contra os automobilistas que se atreviam a circular pelos passeios.

Lago um-dos meus atentos ouvintes rectificou: Mas êle não foi atropelado no passeio; foi ao atravessar o Rossio.

Ai!... Se eu fôsse polícia!...

A minha amiga Zizi, outro dia ao sair do cabeleireiro, foi agredida numo das meias (destas que custam 400 escudos), por uma mala dum peão apressado.

Confusão, irritação, mais um parlavrão... e quem perdeu, perdeu!

Ai!... Se eu fôsse polícia!...

O Carlos Sá, partiu uma perna, Era, e é dêle, ninguém tem nada com isso.

O pior é que o Sá, passa horas e horas à espera dum eléctrico vazio, daqueles em que lhe seria possível ascender, com a agilidade de quem tem uma perna partida.

Tudo cheio, das coxias aos estri-

bos, e o Sá continua esperando o eléctrico... que não chega!

Ai!... Se eu fôsse polícia!...

Já percebeste, oh peão indisciplinado, que se eu fôsse polícia te obrigava (a bem ou a mal) a atravessares o Rossio nas passagens de protecção que estão assinaladas por dois traços paralelos em vários locais?

Que te obrigava (a bem ou a mal) o transporte de sacos, malas ou cestos que pusessem em risco a integridade física das meias de 400 escudos?

Que te obrigava (a bem ou a mal), a esperares a tua vez de tomar lugar num eléctrico, com respeito pelos que chegaram primeiro, com preferência dos aleijados, velhos ou senhoras com crianças?

Lembras-te daquele risco que pintaram na Travessa de S. Domingos e dos letreiros «Siga pela direita»?

Recordas-te que logo que lias «Siga pela direita», atravessavas para a esquerda?

Ai!... Se eu fôsse polícia!...

Uma senhazita de 5 escudos para te meter na mão sempre que atravessasses fora do risco, quando descesses a rua do Ouro ou subisses a rua Augusta às ovelhas, quando me batesses com uma mala ou um cabaz; quando me atropelasses para tomar um eléctrico, garanto-te que era remédio santo!...

E se não trouxesses contigo os cinco escudos?

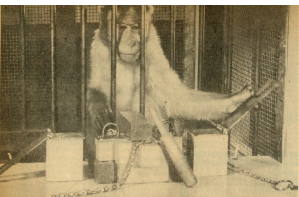
Isso era mais catita.

Um passeio à esquerda, ficavas a ver a felicidade aos quadradinhos até que alguém se lembrasse de lá te levar os 5 escudos da gracinha, e mais 20 da hospedagem, por cada dia que a coisa durasse!...

Não te parece que eu resolvia o problema do trânsito nesta cidade de mármore e granito à beira-mar plantada?

Ai!... Se eu fôsse polícia!...





Este é "Beto Americano", um dos aborrecidos mais educados. O seu problema predilecto consiste em puxar um pequeno pedaço de lã de lã e empurrá-lo para o lado...



O truco de manter o corpo quente com um problema simples: levantar um objecto ao fundo do T. Depois de o objecto estar lá, não mais.



O macaco, naturalmente, aprendeu muito cedo a puxar o cordão da campânula das abócas em forma de T.



Após as primeiras experiências a seguir são os testes de laborio. O macaco aprende bem depressa.



Após, naturalmente, um objecto em movimento para que o macaco se movimente para o lado e não se movimente para o lado.



O macaco tenta de momento a abóca e vai empurrando o botão e o pino.



Após o teste a disposição do macaco um objecto mais complicado. O objecto está em movimento.



Este problema é um objecto de estudo. O macaco tenta de novo e acaba por obter o pino.



Este problema consiste. Apesar de ter sido muito bem resolvido, o macaco tenta de novo e acaba por obter o pino.

## MACACOS INTELIGENTES...

## ...E PROFESSORES PACIENTES!

N a Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, o Dr. Harry F. Harlow tem feito um dos seus trabalhos em inteligência animal de maneira, para muitos, surpreendente. Investigações sobre o carácter de macaco é coisa nova no mundo.

No laboratório do Dr. Harlow o investigador do carácter é cuidadosamente acompanhado. Ele aprendeu que os macacos possuem um tipo de inteligência e que se vão tornando cada vez mais difíceis. Há mesmo espécies de macacos, primatas, que debatem acriticamente muitas situações em casa sua.

A maioria dos objectos é aquilo que os cientistas chamam de "problemas", que são de um tipo muito mais do que os outros que se encontram em um ambiente por si só.

Os macacos não sabem aprender ao mesmo tempo, os problemas variam de acordo com o tempo, para que eles possam aprender os problemas.



O Dr. Harry F. Harlow, com o primeiro aborrecido de classe.



É este o o mais difícil de todos os problemas emocionais. Com ele se consegue que o macaco esteja disposto a aceitar o objecto de estudo e a fazer o teste.



É, finalmente, após teres um mínimo de experiência que se resolve um problema que o macaco já não consegue resolver sozinho.



A beleza faz a felicidade da mulher moderna. Para o assegurar use os produtos

**Eliper**  
LABORATORIA DE INHIBITORES  
*Eliper*  
CASA S.A. - L. 1000

## A Maravilha da Química Norte-Americana SHAMPOO-TINT RAP-I-DOL

É um novo processo simplificado que poupa tempo e dá um cabelo macio de cor.

São indicadas para aquelas Senhoras com cabelos grisalhos e são indicadas para aquelas Senhoras com cabelos escuros e muito tingidos por períodos e para todas aquelas que preferem cores mais de cor.

SHAMPOO-TINT RAP-I-DOL, é a mistura preferida pelas grandes senhoras de Hollywood.

Distribuidor exclusivo para Portugal:  
D. DE CAMPOS MARTINS  
Cidade Pinel 225 - LISBOA

## COMPANHIA ALCOBIA

MOVEIS — ESTOFOS — DECORAÇÕES

com uma linha de expansão e de expansão em T. O

MOBILIÁRIO DE BOM GUSTO E DO MELHOR FABRICO

RUA IVENS, 14

(Cabeleira de Rua Capelo)

TELEX: 2100

# Homenagem a Bernardino Correia

# ARTUR AGOSTINHO

(Continuação da página 6)

pela inquietação em múltiplas formas como pelos destacados dós formais que atesta nos seus versos.

A Serra da Arrábida é o seu ambiente natural e poético, a grande determinação do seu lirismo místico, o estímulo da sua constante pesquisa de raízes no mundo material e espiritual. Paisagem externa dominadora, a serra não conspurca o lirismo do poeta que a representa em estados de alma o sentido naturalista absorvente que seria de esperar. Como se em um elo estranho viesse de Frei Agostinho da Cruz a este modo rodeado por inúmeras solicitações contemporâneas, a Serra-Mãe exprime-se nos seus versos em interiorismo místico, em panfletismo que espiritualiza a natureza e por aí a transcorre e a esquece. O exágero de introspecção que funde em alma a própria natureza, virá a conduzi-lo, certamente, ao que tão bem representou em dois versos:

«...Lanço a mão a procurar-me  
é só o vento que apanho...»

Não é paisagem, pois, o que Sebastião da Gama põe na poesia determinada e enriquecida pelas sugestões da serra: é sentimento dela, muito mais sentimento que realidade, em emoção que ascende veloz da natureza à dispersão mística. Sentese, fatalmente, que há verdades fundamentais excluídas sem remédio da alma do poeta por fidelidade a um estado de alma que a própria vida ultrapassa ou ignora a cada instante. O homem como ser sofredor, labiador e se consume em debate com a natureza e, sobretudo, com outros homens, é radicalmente alheio a estes versos; é, no entanto, ainda vagos e remotos apêlos — mas apêlos sómente — poderiam encontrar-se na poesia de Sebastião da Gama, até pela solicitação dessa poesia de complexa corporalidade que sempre acompanha e perturba uma sensibilidade mística...

Como tudo isso «Serra-Mãe» é um livro de grande riqueza poética; parece descobrir-se nele influências ou, talvez apenas coincidência com outras diversas — desde o Imagismo de Sá Carneiro ao simbolismo já anacrônico; mas essa diversidade não atinge o predomínio desencaçado e por isso pouco firme de escolas ou autores no espírito do poeta. Há, porém, sem dúvida, de um índice de pesquisa de estilo em que Sebastião da Gama, mesmo ainda, se empunha e, talvez ainda mais, indicio de uma poesia e profunda riqueza de artista. É um notável poeta, não pode negar-se, quem exprime com tanta riqueza formal e tão intenso simbolismo verbais carregados de sentido as suas inquietações interiores. O espíndido ritmo de que se mostra capaz (e...ó dosto bizzo longo, que prolonga a grande voz saiganta...), quebra-se inutilmente, muitas vezes, por exágeros de modernidade formal que pouco significam. Mas ainda nisso se reconhece um dons excepcional com que este poeta tão moço aparece e que destaca na diminuta expressão lírica da nossa literatura contemporânea.

ALVARO SALEMA

# ALVARO SALEMA

## ALVARO SALEMA

### ALVARO SALEMA

#### ALVARO SALEMA

##### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

###### ALVARO SALEMA

(Continuação da página 10)

mais gritantes. E se isto irrita o espectador — não deixa, claro, de humilhar quem «tossu».

Ele sente, como ninguém, que está a eclipsar o actor mais festejado. A atenção da plateia inteira está presa à elegância do declamatório pigarro.

Sobre a nuca fe presente os olhos da turba que lhe fica atrás dos camarotes, aqueles «esbôis», «esclúis», são patadas pelo seu infeliz trabalho...

Pois bem. Ponha-se um leiteiro debaixo das bilhetetas, como o comercial «situações» escogadas do teatro: «Não se vendem bilhetes a quem tossa».

E, mesmo as portas, devia haver estes disticos: «E expressamente proibido tossir na sala!».



O grande industrial sr. Bernardino Correia ouvindo ler o mentogram de saúdoção do seu pessoal durante o recente homenagem que lhe foi prestado nos seus escritórios

# Artur Agostinho

# Impressões do Extremo Oriente

(Continuação da página 22)

O elenco da peça está completo. Mas nós continuamos a monopolizar o Artur Agostinho:

— Tu, que viestes das estações particulares, que pensas sobre o problema do nosos amadorismo radiónico?

— Penso que lhe devia ser concedido o direito de fazerem publicidade, porque com ela obteriam as receitas que lhes permitiria um trabalho mais profundo e útil. Porém, vale a pena frisar que em algumas das nossas estações o maior problema não é propriamente o da falta de recursos materiais, mas sim a de dirigentes com sentido radiónico e noção do papel que a Rádio representa no panorama cultural dum povo. Enquanto este problema não for resolvido, todos os outros serão puramente acessórios.

— Entendes que o amadorismo é necessário à nossa Rádio?

— Artur Agostinho medita durante alguns instantes. E a resposta vem lentamente.

— Como compreenderás, não posso ser inteiramente alheiro na resposta. Deu forme-me precisando de questões particulares, e uma apreciação desfavorável para elas poderia ser levada à conta de ingratitude. Portanto, prefiro guardar para mim o meu critério sobre este assunto, muito embora não me custe nada reconhecer que do labor dessas estações alguma coisa de útil tem colhido a Rádio portuguesa.

— Breve entrevista está a atingir o seu termo. Simões Müller require a presença de Agostinho junto dos microfones. Vão começar os ensaios de «O Natal dos Brinquedos». Ainda nos resta tempo, porém, para formular a derradeira pergunta:

— Achas que se tem exigido na assistência com que se utilizam, nos programas de variedades da Emissora, alguns dos artistas mais populares?

— De uma certa maneira, sim! Eu próprio, como locutor, às vezes fico sentir os artistas e os números com facilidade que fugam à banalidade e a falta da simples enunciação dos respectivos nomes e títulos. E isto porquê os artistas são quasi sempre os mesmos e os números também variam muito pouco. Mas acho que, como os artistas, pelo valor e popularidade que atingiram, como produto do seu trabalho intenso e do sentido

(Continuação da página 20)

bante enrolado à volta da cabeça, vigor o movimento. Cofando a longa barba ou afagando a coronha da cabarina, vão outros, em patulhos dobradas, percorrendo o bairro, pois algumas vezes são as casas de João mais próximas do cas assaltadas por piratas que desaparecem misteriosamente em seguida à proeza.

Quantos desses guardas não têm sido vítimas dum punhal traiço que os fere pelas costas sem que tenham tempo de esboçar um gesto ou um grito!

Sob o aspecto severo que impõe respeito, são numa ingenuidade quasi infantil que os tornou conhecidos na vizinha colónia de Hong-Kong, onde são utilizados em funções idênticas, por Tiger face and pigeon's heart (C).

Passam os cigulinhos gulados por galatas, a indispensável rebeca a traço. Carren frinche condundo raparigas pintadas, espantavosas, com profusão de adornos, seguidas pelas exploradoras, velhas e veias.

Na rua da Felicidade veio o maior número destas criaturas.

Rua da Felicidade, «cêrcere de muitas centenas de almas», evocado por Wenceslau de Morais numa das suas melhores páginas.

Rua da Felicidade... ironias do destino.

All se extingue, num último estrequecimento de prazer e vício, a vida ruidosa do Bazar. Quando a madrugada vem rompendo, as ruas são quasi desertas.

(') Face de tigre e coração de pomba.

que possuem das suas responsabilidades profissionais, bem merecem figurar com frequência nos programas da Emissora. De resto, os ouvintes não se queiram.

— Os pára-vozes não eram ditos, Artur Agostinho meteu-se na pele do «Uro de Pélo» e foi tomar parte no «Natal dos Brinquedos», enquanto nós aproveitamos a superfície lisa do órgão que está colado a um canto do estúdio para redigirmos apressadamente os apontamentos da entrevista...

# UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

# «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (dunkio ou seco), crustas, feridas, erupções, eructões na pele, etc. ATÉ HOJE SEM ALGUMA APRECAÇÃO COMO ALGUM

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



HA 1000 CREMES DIFFERENTES, mas HA SÓ 1 CREME MATITÉ DIA NOITE

Podê ter certeza que a sua epiderme começará a sentir-se renovada. Use o Creme MATITÉ, conhecido em todo o Mundo, e apresentará no seu rosto uma suavidade e beleza inusitada, que devêrly surpreenderá até os seus mais íntimos amigos.

L.T. POND

CARRINHOS PARA BEBÊS E CADEIRINHAS

Fabrilca

ALVARO SALEMA

J. COSTA & SILVA, L<sup>DA</sup>  
R. Arco do Bandeira, 79, 1.<sup>o</sup>  
LISBOA — Telef. 2 6713  
(Atendem-se pedidos da provincia)

O VELHO PORTO

Nepoort

Sabe... a quem sabe

# HUMOR

DESENHOS ORIGINAIS DE  
ELYSIO



— Descrever-lhe o gatuno, não sei. Mas, se quiser... ah!... ah!... ah!... posso fazer uma imitação do que o meu marido fez quando o viu...



— É assim, mestre?



— Pat!... Pat!...



O DIRECTOR DO JORNAL: — Nós precisamos de um homem audacioso, decidido e dinâmico. Acha que está nas condições?

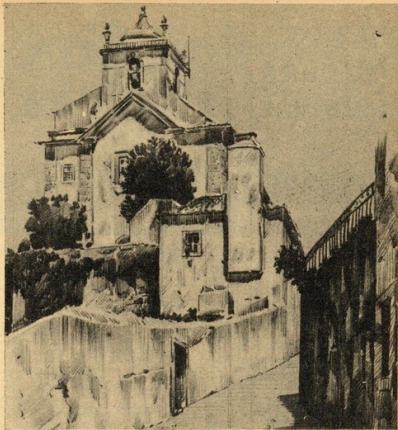


— Oh, mamã. Lembra-te do meu fato novo?



— Pois é verdade... fui condenado por antropofagia...

## O "Salão de Inverno"



«Igreja em Sintra», desenho de José Ribeiro



Varela Aldemira apresentou «Muller de Barcelos»



Trecho do triptico «Queluz», de Mário Salvador, que obteve a primeira medalha em aguarela



Este retrato do dr. Bissau Barreto é de A. Martin Magurda



Barredo (Pôrto) é uma aguarela de João Tavares

Renovando uma tradição, a Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurou o Grande Salão de Inverno, com aguarela, desenho, miniatura e caricatura.

Do valor deste certame, que foi uma bela afirmação dos nossos artistas, podemos os leitores avaliar pelas reproduções juntas, que representam alguns dos trabalhos expostos.

# IMPACTO DA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CONFERÊNCIA XXIX superioridade dos aliados afirma-se

**O**S chefes da aviação anglo-americana chamaram a ofensiva *non stop* a ofensiva aérea desencadeada sobre os territórios do Reich e dos países ocupados no primeiro semestre de 1943. Efectivamente, essa ofensiva não conheceu interrupções e o seu crescimento foi uma das características da condução da guerra por parte dos Aliados durante esse período decisivo da luta.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos encontravam-se perante as dificuldades crescentes das diversas frentes de batalha espartilhadas por todo o mundo. Na zona do Mediterrâneo, o primeiro semestre de 1943 fôra assinalado pela grande vitória da Tunísia, que pusera termo à campanha africana. Mas a necessidade de apressar o colapso da Itália, que não tardaria a verificar-se (de 8 a Setembro daquele ano), obrigava os Ingêses e americanos a intensificarem a sua acção, a fim de não desperdiçarem uma oportunidade única para a realização dos seus objectivos.

Nas conferências inter-aliadas que se sucediam, Casablanca em Janeiro, Washington em Maio, Quebec em Agosto, era, sobretudo, da grande operação de desembarque no ocidente da Europa que se tratava e era para a sua realização oportuna que se concentravam os recursos e os efectivos disponíveis. Finalmente, havia que atender às necessidades criadas pela intervenção japonesa — o desejo firme de não deixar que o Japão consolidasse as suas conquistas no Extremo-Oriente, se não viesse a acontecer, seria mais tarde muito difícil desalojá-lo de regiões vitais cuja posse lhe permitia fazer a guerra por um período praticamente ilimitado.

Schependo-se a todas estas considerações, as duas potências anglo-axónicas eram obrigadas a dedicar a sua atenção ao problema fundamental das construções navais, indispensáveis para assegurar a sua supremacia naval, para realizar as suas operações anfibias previstas pelos seus Estados-Maiores, para efectuar o transporte dos seus efectivos, material e equipamento para as diversas frentes de batalha, e finalmente para tapar as brechas abertas pela guerra submarina nas suas frotas de guerra e comércio. Era, portanto, para assim, a construção em larga escala de aviões de toda a espécie, o principal elemento de bombardeiros pesados, tivesse de ser condicionada por numerosos factores, todos de considerar

e atender para realização da vitória final.

#### OS AVIÕES AMERICANOS CHEGAVAM EM GRANDE NÚMERO A EUROPA

Apesar de todas essas dificuldades, os aviões americanos chegavam à Europa cada vez em maior número e a indústria aeronáutica na Grã-Bretanha produzia, em condições excepcionalmente favoráveis, tipos de aparelhos numa grande eficiência militar. A excelência dos modelos criados aparecia valorizada pelo treino, cada vez mais cuidadoso, das tripulações, e pelos aperfeiçoamentos introduzidos nos métodos de combate.

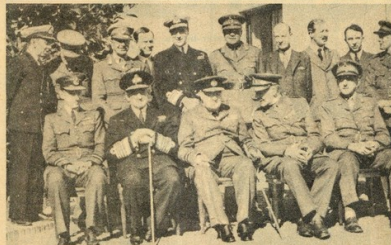
Estas vantagens incontestáveis não tinham uma contrapartida suficiente na acção da Luftwaffe que, apesar de todos os esforços enviados pelos seus chefes, não se encontrava em condições de dar réplica adequada à ofensiva *non stop* dos anglo-americanos. Quisiquier que fossem as razões que justificavam esse facto, a verdade incontestável era o desnível entre o potencial das duas aviações, o qual se reflectiu, de maneira saliente, na condução geral da guerra por parte dos dois grupos de beligerantes.

Desde o cabo norte à baía de Biscaya a aviação anglo-americana encontrava-se em condições de actuar sem muitas vezes se deparar com qualquer opposição séria da casa inimiga. Mesmo quando esta, porventura, surgia, os combates aéreos liquidavam-se pela vitória dos bombardeiros aliados, que estes operassem de noite, quer se lancessem ao assalto dos objectivos inimigos em pleno dia. Os americanos adaptaram-se com uma rapidez quão inverosímil, à técnica dos bombardeamentos diurnos, e a sua acção, conjugada com a dos bombardeiros britânicos operando de dia em quaisquer condições de tempo, tornou impossível a vida no Reich e nos países ocupados, onde as populações começavam a dar manifestos sinais de impaciência e de revolta, criando novos motivos de preocupação para os dirigentes nazis.

#### 15.000 TONELADAS DIARIAS DE BOMBAS

O mês de Junho de 1943 fôr assinalado pela realização do maior ataque mais extenso sobre os territórios do inimigo ou ocupados por ele. Men-

No Conferência de Quebec o Conde de Athlone, o Presidente Roosevelt, o sr. Churchill e o sr. Mackenzie King, na cidade de Quebec



No Conferência de Casablanca; o ex-Primeiro Ministro Churchill, acompanhado dos vários chefes militares

cionaremos, entre outros, os seguintes: sobre Wilhelmshaven e Cuxhaven (dia 11); Bochum (dia 12); Oberhausen (dia 14); Colonia (dia 16); Ruhr e Renania (dia 19); Friedrichshaven (dia 20); Krefeld (dia 21); Mulheim (dia 22); Erbfeld (dia 24); Bochum e Gelsenkirchen (dia 25); Colonia e Hamburgo (dia 28). No mesmo período a aviação americana realizou vários nocturnos devastadores contra Kiel, Bremen, o Ruhr e Antuária.

Nos últimos vinte dias daquele mês, a aviação anglo-americana lançou sobre os territórios inimigos ou ocupados, cargas de bombas que excediam o total de 15.000 toneladas. Este número representava para a época a que se refere, um recorde que mais tarde havia de ser largamente excedido. Perante a intensificação dos bombardeamentos aliados a transferência das indústrias de guerra alemãs entrou numa fase crítica.

Mas eram, sobretudo, os bombardeamentos sistemáticos das vias de comunicação alemãs que prejudicava, numa escala cada vez maior, a realização dos planos previstos pelos chefes militares do Reich. Obrigados a fazer uma guerra em mais duma frente, a eficácia da estratégia alemã, tal como acontecera na primeira conflagração mundial, dependia, essencialmente, da rapidez com que as suas tropas se deslocavam. Os bombardeamentos aéreos incessantes das suas vias de comunicação conduziam rapidamente a uma paralisia de movimentos que veio a revelar-se fatal no dia em que os aliados desembarcaram no ocidente da Europa. Simultaneamente, a actividade da aviação aliada sobre os centros de produção de material de guerra alemão fazia-se sentir, em certos aspectos fundamentais da condução da luta por parte dos alemães, especialmente pelo que se referia à construção de submarinos que começava a ser afectada, em termos catastróficos, pela acção dos bombardeiros aliados.

#### O VALOR DECISIVO DA ARMA AEREA ANGLO-AMERICANA

Quando terminou o primeiro semestre de 1943 e se avaliaram os efeitos tremendos que a ofensiva planeada pelos chefes da aviação

de bombardeamento anglo-americano, Harris e Arnold, produziu, foi possível tirar dos acontecimentos uma conclusão altamente satisfatória. Se o valor material e moral desses bombardeamentos se revela, com uma clareza que não permita alardear dúvidas sobre a sua eficácia, era sobretudo no plano, mais elevado, da condução estratégica da guerra que a sua importância e significação se faziam sentir de maneira evidente.

«O poder aéreo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos — escrevia por essa altura um categorizado crítico militar norte-americano — dá a esses países a possibilidade de conduzirem, melhor do que todas as outras potências, a guerra moderna, que é uma guerra em três dimensões. Conjugado com a existência do seu poder naval, o poder aéreo dos anglo-axões permite-lhes realizar operações em grande escala nos pontos mais distantes do globo. A ocupação do Norte de Africa foi o primeiro exemplo deste género de operações levado a cabo com pleno êxito. A isto, outros golpes igualmente fatais se vão seguir. A todos os factores já existentes há que somar agora o poder crescente da arma aérea americana. A arma aérea dos Estados Unidos tem melhorado incessantemente, tanto nos quadros do seu pessoal como na qualidade do seu material. A aviação anglo-americana tornou-se praticamente detentora do monopólio da técnica do bombardeamento a distância, que nenhum outro dos países beligerantes, o Reich, a U.R.S.S. ou o Japão, podem tentar com probabilidades de êxito nesta altura. A guerra aérea total, que os Aliados occidentais estão a realizar contra a Alemanha, é a prova inelutável desse facto, que se destina a provocar repercussões incalculáveis na condução e para a decisão da luta».

Esta percepção da uma consequência lógica do exame desapalcoado das condições em que a guerra estava a desenvolver-se no domínio aéreo, e especialmente no domínio da aviação de bombardeamento, em que os anglo-americanos se haviam especializado.

Coíntina

As famosas IGUARIAS, GÊNEROS ALIMENTÍCIOS E CONDIMENTOS da casa

ROSSE & LACKWELL

ESTABLISHED IN 1706

chegarão



com a PAZ



# A HISTÓRIA DUM PRISIONEIRO DE GUERRA QUE HOJE VIVE EM LISBOA!



**A**INDA o chão está ensoado do sangue de tantos soldados que tombaram, vencidos por esse inferno da metralha — e já hoje, sobre o heróismo e a morte, a literatura procura os dramas de tragédia como libelos acusatórios dos desvarios dos homens.

A terra viveu as horas cruciantes dum espectáculo aterrador, onde a morte, estendendo as adunas garras, procurou, vorazmente, o festim macabro da carnificina preparada por homens conscientes.

E sobre os campos mais algumas cruces subiram para o céu; os lares de muitos ficaram destruídos; irmãos e filhos, noivos e companheiros caíram sobre estilhaços de granadas; semeou-se o luto onde reinava a alegria; encheu-se de metralha os prados e valados; os stanks, os rodados de peças esmagaram os trigais e as papoatas; das alvuras de moinhos assomaram as línguas vermelhas do fogo das metralhadoras — e, sobre tudo isto, a servir de fundo, a paisagem diabólica dum cemitério de vivos, apressados, a caminho das campas...

\* \* \*

Raymond Demezère é um rapaz simpático, alegre, desportista cem por cento, que goza de grande prestígio na colónia francesa. Está em Portugal há alguns anos com sua mãe — e foi, por duas vezes, feito prisioneiro nesta guerra. Passou os maiores horrores. Esteve internado no campo de concentração de Breslau, onde foi duramente martirizado. — Quando rebentou a guerra — começa por nos dizer — fui alistado, como sargento, no 38.º regimento de infantaria. Assisti, pois, às grandes ofensivas alemãs que cedo começa-

ram a investir com a Bélgica até penetrarem na minha Pátria.

— Quando foi preso?

— Eu lhe digo. A primeira vez em 13 de Maio de 1940. Andava de patrulha com dois soldados. Servia de chefe. Partiam, como deve calcular, várias patrulhas de reconhecimento. Andávamos nessa ronda quando fomos surpreendidos por alemães. Ainda nos detinham numa "valeta" — mas eles, que eram quarenta, viramos, e nada se podia fazer.

— Depois...

— Os alemães não acreditavam que fôssemos só três, e desejavam prender o resto da patrulha. Bateram em todas as direcções, sem encontrar os esconderijos dos nossos companheiros. Quando se deu pela nossa falta, à hora em que devíamos voltar, o tiroteio dos nossos começou. Aproveitei, então, esse momento de pânico para fugir. Mas durou pouco essa liberdade. Quando da retirada de Dunquerque, o meu regimento estava em Lille. Foi uma grande desgraça. As tropas alemãs cercaram-nos e fizeram numerosos prisioneiros.

«Aí começou a maior odisseia. Eramos alguns 400 homens. Andámos a pé 1.000 quilómetros. As nossas marchas consecutivas faziam-se, por dia, entre 16 e 18 horas. O resto do tempo era para descansar, no chão, à chuva, sobre terra barrenta. Eramos vigiados por guardas, fortemente armados. Ao atravessarmos a Bélgica, a população dava-nos alimentos e água — que não nos deixavam receber.

Raymond Demezère suspende a narrativa. Vê-se, claramente, que lhe custa evocar aquela tragédia que viveu. Há nos seus olhos um clarão de piedade por todos aqueles que sofreram, como ele. Mas nota-se que fala calmo, talvez um pouco contrariado por lhe terem avitado as horas dolorosas da sua existência.

E é com visível emoção que prosegue:

— Chegámos por fim a um campo de concentração alemão — o de Breslau. Ali estavam 30.000 prisioneiros, incluindo judeus e polacos. Não se pode calcular os suplicios que inventavam só para nos martirizarem. A mocidade hitleriana recebeu-nos com humilhações e vexames. Bata-nos, sem que nos pudessemos defender. Não há ninguém que possa conceber os tratamentos desumanos a que fomos sujeitos. Fazíamos continuas sessões de ginástica, com sacos de

areia presos às costas. Depois, em Duckenwald, já doente, recusei-me a trabalhar. Era demastado, desde as 6 horas da manhã às 6 da tarde, sob chicote, removendo pedras. Comíamos qualquer coisa — mais que insuficiente — e iam logo, até às 9 horas da noite, carregar com enormes barris de água.

«Na «Companhia Disciplinar», para onde transtavamos os que se recusavam àquêles trabalhos — o tratamento era então... de matar. Fome, frio e pancada.

«Bastará dizer que cheguei a perder a noção das coisas — a não me lembrar absolutamente do meu nome, e até porque estava ali feito prisioneiro. Se aquele suplício durasse mais alguns dias decerto já não pertenceria ao número dos vivos — como tantos que tombaram. A minha resistência de moço de vinte e poucos anos estava, porém, esgotada. Mal me aguentava nas pernas. Já não dava dois passos que não sentisse fraquejar a vista — e ruir tudo à volta.

Há nova suspensão na narrativa. E, rapidamente, como se acordasse dum pesadelo, Raymond Demezère, já com alegria nos olhos, continua:

— Até que um dia...

E nós, presos de curiosidade:

— Um dia, o quê?

— Um dia chegou ao campo um médico americano que andava em

missão de estudo pelas frentes de batalha.

«Os E. U. A., nessa altura, ainda não estavam em guerra. O nosso estado de saúde impressionou o médico a tal ponto que mandou, imediatamente, que fôssemos recolhidos pela Cruz Vermelha Internacional. Passámos, então, para a Suíça. Melhor. Mal me apanhei com forças fugi para a zona ocupada — e daí para a livre. Passei os Pirinéus. Mas...

— Mas...

— Em Espanha não me deixaram passar. E tive, então, de fazer uma grande viagem pela África do Norte. Level seis meses a chegar a Portugal.

\* \* \*

Raymond Demezère é um rapaz simpático, expansivo e desportista dos melhores.

A sua história tem para ele um travo doloroso — que lhe custa evocar.

Compreendemos que a conversa deve terminar aqui.

E o leitor poderá ver, nestas largas pinceladas onde se não pretendem negrê-las de tragédia, um dos muitos epílogos de martírio vividos pelos soldados que se bateram nesta guerra!

## O LIVRO DO MOMENTO

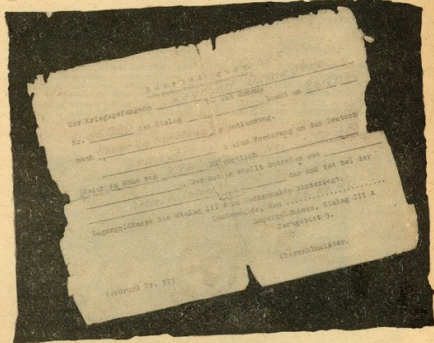
### A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra  
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em lojas de Livrarias

Uma magnífica edição

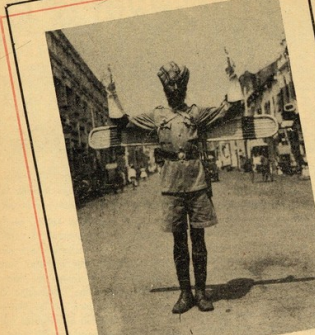
de «VIDA MUNDIAL»



Deram-lhe esta cédula quando entrou para o campo de concentração

# IMPRESSÕES DO EXTREMO ORIENTE

## NA ÁSIA VAMOS ENFACALHAR...



Tel como em Macau, nos colónias inglesas o trânsito é regulado por policias indios



JÁ não nos encontrávamos em Macau quando, bruscamente, surgiram na vizinhança, envolvendo todo o território em redor, as tropas do exército japonês. Isto passava-se alguns anos antes da eclosão da guerra na Europa, e foi início duma época de perigos e dificuldades sem conto para a nossa minúscula colónia, perdida na imensidade do continente amarelo, mantendo-se em plena procela, num mar agitado de paixões, entre povos empenhados numa luta feroz de exterminio.

As impressões que guardo devem conservar, porém, bastantes pontos de contacto com certos aspectos da vida actual. A maneira de ser dum povo, tal como a paisagem duma região, não se podem modificar em tão curto lapso de tempo. Assim nos ajudaram elas a imaginar a vida em Macau, ou, quando não sejam mais do que uma recordação sem equivalente no presente, a medir a evolução realizada desde essa época ainda próxima — e já tão distante — em que Macau era a Pérola do Oriente, e o Japão era o país de sonho...

### O BAZAR

O Bazar é, em Macau, a parte da cidade tipicamente chinesa. De longe chegam até nós o som infernal dos gongos, o tilintar de campainhas e sinetas, o batucar de madeiros lembrando castanholas, a

vozearia da multidão de mistura com o grito dos vendedores.

Naquelas artérias estreitas, cheias de lojas de falsas fachadas pendem enormes tabuletas verticais com caracteres chineses, palpitam o sangue do ex-Ocidente império.

Passam representantes de todas as castas, desde o mendigo e do pirata até ao felizardo, o ventrudo captaalista, de cabeça de seda e botões d'ouro. E vélos nas casas de *fan-tan*, olhos fitos na montanha de sapezas, de que depende a sorte, chapando complicados cachimbos, ou sorvendo a chícara de chá, enquanto a mão ágil do pagador vai separando os lotes, ou nos coláras, a saborear os petiscos servidos em tujelinas que os *foi-chis* — aqueles pausticos que todo o mundo conhece — vão devastando manejados por gulosa pericia; nas lojas, nos especificados do Auto-China, na rua, e em toda a parte, faces de ambar, corpo esguio, olhar furtivo...

Pelo meio da noite o movimento atinge o auge.

Nos coláras o som das orquestras e o rumor da freguesia crece; as ruas são mais concorridas e tudo parece animado por outra vida que não se lhe supunha horas antes.

O jogo tem a primazia nesta fase de actividade nocturna. Resorgitiam de concorrência as casas de *fan-tan* onde o cul perde o que ganhou com penoso esforço durante o dia, e o

pirata o produto do assalto a alguma embarcação de fácil presa.

Consta o jogo em apostar sobre o número de sapezas, não superior a quatro, que restarão dum monte separado ao acaso doutro maior que ocupa o centro da mesa. O empregado vai contando grupos de quatro moedas, o último dos quais, igual ou inferior a este número, determina o lote premiado.

Os chinas passam horas seguidas agrupados na volta da mesa ou debragados das galerias dos andares superiores, abertas em alçapó sobre o centro do jogo, a expressão clinica de facinoras que nada têm a perder, nem mesmo a vida, talvez já posta a prelo naiguma cidade vizinha...

Dos coláras, com a chifreira atroadora das mûsicas e o clarão das luzes de acetilene, evolva-se o aroma dos açepes cozinhados com ervas e estranhos bicaricos. As pernas de manduço e a cobra capello, os ovos apodrecidos — propiciadamente enterrados durante meses debaixo da terra — os rebentos de flor de lotus, as barbatanas de tubarão, etc., têm a sua representação nestas ementas orientais.

Os grandes magnates da comunidade amarela discutem negócios e política. As suas vozes enrouquecidas pelo *liupun*, o detestável vinho de arroz, sobrepõe-se a espasos o canto em falsete das *pipicheias*, acompanhadas pelo piano indigena que elas próprias vão tocando.

As *pipicheias!* Fobre raparigas de poucos anos de idade. A missão é divertir a freguesia com gestos graciosos, a mûsica e o canto; espécie de *guelicha* miserável cujo futuro, se não se compra algum poderoso ricoço, é infinitamente triste.

Os nossos coláras são modestos, nada que se aproxime dos que abundam por outras cidades do litoral, nomeadamente Honkong e Changai. Apenas os igualam na falta de assêio.

Pelo chão, casaca, caropos, papêla, pontas de cigarros e toda a quantidade de detritos; os pivetes que constantemente queimam dão-lhe a atmosfera característica da habitação chinesa em que predomina o cheiro forte e enjoativo duma mistura de sandalo, canela e outras especiarias aromáticas.

Para refrescar, os criados oferecem toalhas ensoçadas em água morna, duma cor mais do que duvidosa, toallas que os fregueses vão passando pelas faces espelheadas de suor. Mas que importa o calor, o cheiro e o barulho, se no fundo de cada corredor, em qualquer canto mais retirado, lá está o amplo sofá e o tabuleiro com a lamparina, o cachimbo e o bolozinho com ópio.

a droga apetecida e milagrosa que libertará das misérias terrenas?

Através as ruzitias estrelas e tortuosas vai desfilando o povo à luz dos grandes lampões suspensos as portas das lojas, dos candelieiros de petróleo do comércio ambulante, das lâmpadas eléctricas iluminando profusamente as fachadas dos foneiros numa ostentação falsa de festa popular.

Os restaurantes de menos categoria estendem os seus tabuleiros até à rua, onde expõem em largas gamelas, os variados petiscos com grande acompanhamento de vegetais miçgados à vista do público por eximos cozinhados. Galinhas e patos, abertos, secos e espalmados como bacalhau, alinham em grandes filas pendentes de travessões metálicos.

Os vendedores apregoam a sua mercadoria, frutos, doces, sopas fumegantes, baratas fritas, gomos de tangerina, etc., e o conjunto constitui um quadro cheio de cor e pitoresco.

No seu giro compassado, o polfida indio, irrepressível, de vistoso tur-

(Continua na página 16)



Um tipo de jogador



Passem representantes de todas as castas pelos ruas do Bazar

Do nosso território observaram-se perfeitamente os movimentos dos tropas japoneses

# MIRADOURO

## O MEU AMIGO O POETA

### POR NELSON DE BARROS



**C**OMO a chuva apertasse, recolhí-me num portal. Assim como assim, já perdera o último «eléctrico» para casa. Recolhido no mesmo abrigo estava o meu amigo Poeta, muito irritado porque a chuva, esparrinhando no passeio, lhe molhava os sapatos. Logo que me viu, lamentou-se:

— E gastei eu os últimos dez tostões no engraxador!

Depois contou-me: — Quis entrar o ano decentemente e para isso mandei à lavandaria tirar o lustro ao fato e ao engraxador dar lustro nos sapatos. Porque não sei se já reparaste que o Destino é tão cruel para os homens sem dinheiro que até lhes põe lustro no fato, onde ele não é preciso, e lhe tira dos sapatos, que é o stílo onde a opinião pública o exige. E tudo assim, ao contrário. Calha tudo mal! Mas eu também não quero saber, não me ralo! Sou superior a essas palermices!

— A tua vida, é claro, ainda não se modificou... — arrisiquei eu.

— Pois que querias tu que se modificasse? Sou poeta. Poeta só. Poeta e boémio como os de Mürger. Odeio esses poetas «volubéis» de funcionários públicos ou de angariadores de seguros. Não gosto de trabalhar? Pois não! Ainda bem! Digo-te mesmo que eu até desconfio das pessoas que dizem que gostam de trabalhar. «Ganharás o pão com o suor do teu rosto», é um conselho divino mas só aplicável no verão. Então no inverno, que quisés não se sua, a gente não havia de comer pão? De meu não tenho nada senão uma mesa no escritório, que, à força de a ocupar, é quasi minha. E este fato, estes sapa-

tos é este chapéu de abas largas que me dá um aspecto de andaluz sorvado pela amargura. E um quarto aliado numa água-furtada, donde de dia vejo no céu os guldastes, como dedos de ferro, a tirarem riquezas das entranhas dos navios, e à noite oiço o valvém das ondas ao sabor da respiração do mar. E pouco mais. Uso o cabelo crescido. E a barba também. Trago sempre cinza nas bandos do casaco. Durmo mal. Sonho acordado. Levanto-me às 5 da tarde. Não trabalho. Peso pouco. Tenho caspa. Sou poeta!

Fêz um gesto largo que logo re-traiu porque das gotelras a água lhe caía sobre a mão espalmada, e continuou:

— Foi ela que me fez poeta (fala-me sempre desta «Ela, que eu não sei quem é»). Foi o seu desdém. Trocou-me por um homem de dinheiro, um machacaz que, afinal, não lhe dá nada. Mas as mulheres gostam sempre dos homens de dinheiro mesmo quando eles não lhes dão dinheiro nenhum. Compreende-se: num rico há sempre a esperança de uma generosidade; enquanto num poeta... De mim não gosta. Diz que eu tenho cara de parvo. Pois está claro que tenho! Mas isso é por estar apalermado, e não há nada para apalermar uma pessoa como o amor. Tu já reparaste como todos os amorosos célebres tinham cara de parvos? Romeu e Julietta, Paulo e Virgínia, Armando e Margarida aparecem sempre nas estampas com um arzinho tão apalermado que até faz aflição como aquelas pessoas puderam gostar umas das outras. Mas, enfim, eu não lhe quero mal por ele dizer isso. A princípio, quando soube que ela

dava de olho ao outro, ao brutamontes do dinheiro, até chorei. Foi quando soube que a amava definitivamente. Com razão diz o provérbio ciganco que os amores e os meninos só quando choram a primeira vez é que se sabe que são vivos. Então uns tempos achadato como uma violeta entre as páginas de um livro de versos. Agora, a ela já não lhe quero mal. A ele sim, mas... que posso eu? Ele tem tanto dinheiro que até Deus se o quisesse castigar, antes de o fazer pensava duas vezes... Quanto mais eu que o mais que posso é fazer-lhe epigramas. Para quê? Era como se fosse atrás dele, para exercer grandes vinganças, e no fim não conseguisse mais do que pisar-lhe a sombra. Mas este amor, que me fez poeta, já não é hoje preocupação que me domine. Está no fundo da minha vida como os tesouros no fundo dos mares: sabe-se que estão lá, mas ninguém tenta o impossível de os trazer à superfície. Agora sou apenas poeta, independentemente das razões que me levaram a sê-lo. Mas poeta, ah? Poeta *tout court*. Só poeta!

— Diabo, isso é capaz de não ter lá grande futuro!

— Tens razão. Não tem. Não é que faltem para aí poetas bem instalados na vida. Mas esses são outros. Poetas-almofadinhas, melifluos e heras certas e vão a despacho ao director geral. Fazem-me rir esses poetas-burocratas que têm emprego para fingir que vivem e fazem versos para viverem de facto. Eu não sou homem para essas transacções de consciência. Nasci fora da época. O meu corpo será deste século, mas a minha alma vibra em unísono com as dos maravilhosos poetas do século passado. Enquanto eles, os poetas-utilitários, andam nas secretarias às voltas com o papel selado, estou eu no sofá, a cabeça enterrada nos punhos, os olhos cerrados, ouvindo um *brouhaha* de vozes que parecem vir dos quatro cantos da terra e sentindo-me envolvido numa nuvem de fumo de todos os cigarros do mundo. E não compreendo que se possa ser poeta sem isto tudo e muito mais: vida nocturna, deambulair sem destino, olhar nostálgico, rumor de brisa, maluciar de idéias, gris de ausência, liberdade de vagabundo, fato voltado, contas por pagar. Como vêes, sou de outra raça. De uma raça de poetas que ameaça extinguir-se se

quem de direito não tomar providências. Nos tempos que correm, há muitas poetas e muitos poetas. Poetas cada vez há menos. Os poetas, como os elefantes e o fascismo, estão condenados a desaparecer da superfície da terra. E ninguém acode a isto neste retrato nefasto de materialismo invasor. Eu sempre esperi que na conferência de Moscovo tratassem da situação dos poetas. E uma situação pelo menos tão grave como a dos persas e a dos gregos. E, afinal, parece que não trataram de nada. Tudo indica que no mundo que eles estão a recortar não há lugar para poetas. Será possível que a verdadeira poesia tenha entrado assim em decadência? Que dizes tu?

A chuva abrandara lentamente e era agora uma poalha tenuíssima só visível dentro do jacto de luz do candeeiro em frente. Eu quis aproveitar a «aberta» e disse, como de propósito, ao meu amigo poeta:

— Meu caro, não te mortifiques nem desesperes com a incompreensão do mundo! São vocês, os poetas, criadores de surpresas de novos descobrimentos do Universo, que dão brilho e perfume e um pouco de aventura a esta vida quasi humilhante que todos vivemos e que é a atrocita legal da imaginação. Que vos importam os bens materiais? Nem que vos dessem todo o ouro da terra! Sim, porque a beleza que vocês apesnam no mundo não há dinheiro nenhum, nenhum, que a pague!

E quando, depois desta tirada, disse então com pouca convicção, me dista punha a afastar-me, o meu amigo poeta agarrou-me por um braço e, quasi em confidência, murmurou-me: — Eu sei, eu sei que não há dinheiro que me pague. Mas tu, entretanto, não tens aí vinte escudos que me emprestes até ao mês que vem?

ILUSTRAÇÕES DE BORGES CORREIA

AUDICAO  
NO AR

## NO DIA DE NATAL, ENTREVISTAMOS ARTUR AGOSTINHO SÔBRE ALGUNS PROBLEMAS DA NOSSA RÁDIO

**S**OBRE a nossa mesa de trabalho, o chefe de redacção deixo-nos um bilhete escrito com o terrível lápis encarnado dos grandes momentos:

—«Vá à Emissora e entreviste o Artur Agostinho. Urgentes.»

Tomos ao Quelhas no dia de Natal. As seis da tarde, quando entramos na Emissora, o edificio estava repleto de pessoas. Nunca a «fiora da Saudades» reuniu tanta gente como neste dia festivo, em que a assistência dos entes queridos se torna mais dolorosa e insuperável do que habitualmente. Furámos, a custo, por entre aqueles mar de gente que desejava vencer, por intermédio do éter, as distâncias oceânicas, do verdadeiro mar. No primeiro piso, dentro já do corredor que conduz aos estúdios, e no qual é rigorosamente prohibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço, encontramos em animada tertúlia o Alberto Represas, o Lança Moreira e o Simões Müller.

O repórter atrai uma pergunta, à guisa de saudação:

—Vocês viram o Artur Agostinho?

—Anda por ali! — responde o Represas com um gesto vago.

Sentamo-nos num confortável «maple», a descansar da breve mas exaustante viagem num eléctrico à cunha... Começam a chegar os intérpretes da fantasia radiofónica do Natal, que dentro de uma hora irá para o ar. O Manuel Lereño, enfadado num imponente casaco alentejano, parece um maioral escapado vivo das páginas dum romance de Miguel Torga. O Castelo Esteves vem com a noiva... para variar. O actor Júlio Pereira distribue os cumprimentos do estilo com a soleidade que lhe é habitual. E lá se fundo, a conversar com o maestro Tavares Belo, está a Quinhas Melreles, pequeninha como sempre e mais gentil do que nunca.

Só o Artur Agostinho não aparece. Ficamos tranquilos, porém, quando a Militta Melreles nos informa que o popular locutor também toma parte no desempenho da fantasia do Natal.

—Par o «Uma de Fillos» — completa o Represas, com uma monicete que arranca uma gargalhada à Militta e outra ao repórter.

E o tempo passa. E passa também um homem alto e esguio como um fuso da Holanda, um homem que tem de se dobrar em dois para cumprimentar a Maria de Oliveira. É o Rui Ferrão. Como este rapaz cresce, Santo Deus!

Ah! Al vem o Artur Agostinho, todo de preto, com o bigode alourado a subir e a descer, marcando o compasso da área que o autor de «Mitos e Mentiras» está trasteando em surdina.

—Oh Artur! Senta-te aqui que preciso de te fazer umas perguntas para a «Vida Mundial Ilustrada»...

Artur Agostinho deixa-se cair indolentemente sobre o «maple». Cruza as pernas, verifica com os dedos se o nó da gravata está perfeito, e fica aguardando, em silêncio, o deslizar do nosso interrogatório. E a primeira pergunta surge:

—Como explica o êxito do «Programa da Manhã»?

—Resposta imediata, a denunciar a posse de idéias firmes sobre o assunto:

—O êxito do programa deve-se ao seu poder de comunicabilidade com o ouvinte. Pela primeira vez se procurou estabelecer contacto íntimo e directo, quasi familiar, com todos os que habitualmente escutam o programa. Além disso, deu-se a este um ar simples, amável e desprezível, cem por cento optimista, e o resultado é que ninguém se cansa de ouvi-lo, como o prova a invulgar constância dos nossos correspondentes.

—Como fazem vocês esse famoso programa?

—Quasi sobre o Joelho, deixando uma margem larga para aquelas improvisações que lhe dão o sars movimentado e pleno de imprevisto que constitue uma das suas maiores virtudes. E o ouvinte colabora com as suas sugestões, os seus pedidos, as suas exigências...

E animando-se progressivamente, Agostinho acrescenta:

—E, depois, sabes, a equipa do «Programa da Manhã» é estupenda. Liga-nos a melhor das camaradagens, e nós trabalhamos animados por um espírito de mútua compreensão, a auxilio que muito nos facilita o trabalho diário.

Uma pausa. O Simões Müller interrompe a nossa conversa para falar com o Agostinho. Mas a conversa prossegue:

—Que pensas tu da falta de novos elementos nas emissões de variedades da Emissora?

—Penso que isso é mais imaginação do que realidade. Os artistas novos têm aparecido, não muitos, mas alguns...

—Pouquíssimos, ao fim e ao cabo? Agostinho condescende, com má vontade:

—A culpa não é da Emissora. Corre a lenta, infundada, de que é difícil triunfar no Quelhas. Que só com pedras, com pedrinhas, tu sei lá... Desculpas! Todos os novos com valor que aparecem na Emissora, são devidamente estimulados e acurridados. Portanto, se alguém se sente com qualidades para marcar posição na Rádio, que venha ao Quelhas e não perderá nada com isso, antes pelo contrário.

—Nova pausa. Temos de passar para o estúdio onde se vai proceder aos ensaios do «Natal dos Brinquedos».

(Continua na pág. 11)



Um  
**PHILCO**

um lindo model  
e uma deliciosa  
companhia.

PHILCO traz a alegria ao nosso lar!!!

BREVEMENTE À VENDA NA

**CASA JOSÉ COSTA**

RUA DE S. PAULO, 11-13 • LISBOA • TELEF. 2 4888

**Teatro**

APRESENTA A  
MAIS RICA  
COLECCÃO DE  
PELES E CON-  
FECÇÕES NOS  
SEUS ESTABE-  
LECIMENTOS  
DAS

**RUA DO CARMO, 29-31  
RUA DA PALMA, 117-121**

TELEFONE P. B. X. 20784  
**LISBOA**



Modelo de saia de baixo com reminiscências «Renaissance»...



«Voltaram os dias foliões e o chamado modelo «falados» de camisa de dormir! Uma camisa para ler e relaxar, não acham?»



«Enfim, sós!», assim foi intitulado este conjunto. A saia é de renda preta, e foi considerada, num inquérito entre os soldados que regressarem ao lar, como: «Altamente explosiva!».



Apreciem, minhas senhoras!

ROUPAS  
INTERIORES

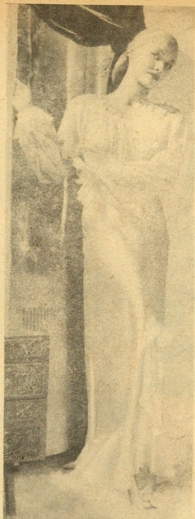
VITÓRIA!

Os americanos tudo têm imaginado para bem receber os seus heróicos rapazes no seu regresso dos campos de batalha! Aqui registamos uma das últimas e originais idéias: — novos modelos de roupas interiores femininas, que lhes são dedicados e transformam num sonho maravilhoso o anсиado regresso ao lar e aos braços da esposa querida...

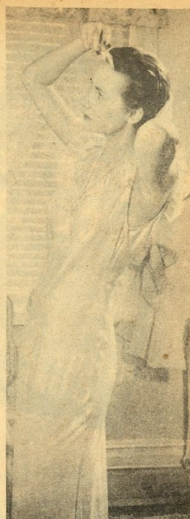
Um concurso de novos modelos com o nome «Vitória», foi imediatamente organizado em todos os Estados da América.

O resultado vê-se... e revê-se. Alcançou o primeiro prêmio Madame "Theastev", uma polaca-americana que nos modelos apresentados conseguiu combinar o bom gosto e a originalidade, além de lhes dar o verdadeiro «ambiente» de «boudoir», ao qual não falta um exotante e novíssimo perfume: — «Santa e Pecadora», um nome que diz tudo...

E agora, leitoras... e leitores, queiram apreciar os modelos!



Tôdo em cetim, esta maravilhosa comissinha foi baptizada de «Sonho cor de rosa»... E que sonho!



Em crepe rosa, este outro modelo é um perfeito instantâneo de uma manhã de lua de mel... O nome? Ah, sim, é esse mesmo: «Manhã de lua de mel!».



«Sonho de amor» é o título da camisa de dormir da linda moreninha que vêem sentada. Em pé, uma loira cem por cento americana, com outro modelo: «Tempestada no Horizontes»...

200.000  
FOTOS DE  
**YVONNE  
DE CARLO**

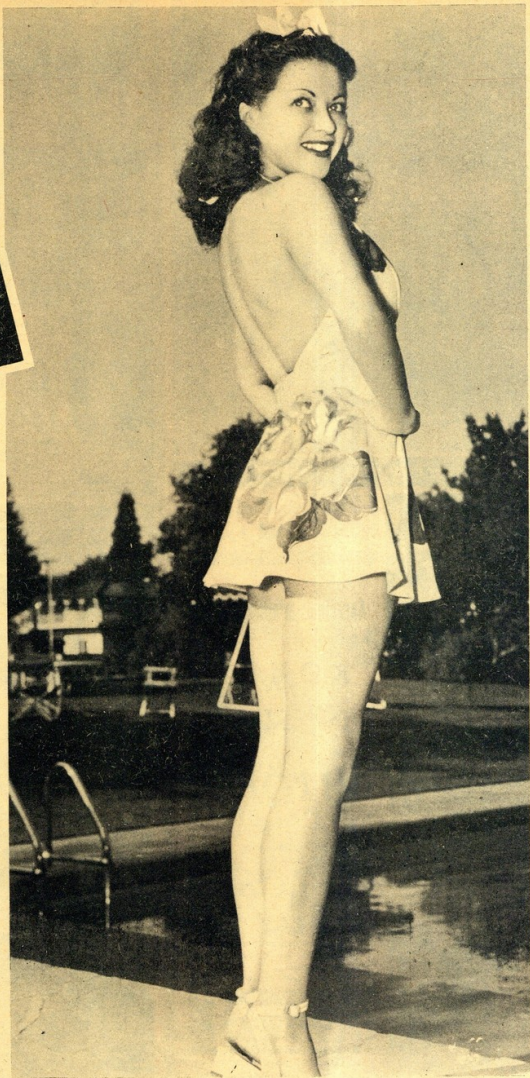
**FORAM EXPE-  
DIDAS PARA OS  
SOLDADOS  
DURANTE A  
GUERRA**

**A**S estatísticas de Hollywood acabam de anunciar um número que excede tudo quanto poderia esperar-se. Os estúdios de Walter Wanger, com efeito, expediram para as diversas frentes de combate, em satisfação de pedidos de soldados, nada mais nada menos do que 200.000 fotos de Yvonne De Carlo, que fica deste modo como legítima detentora dum «records» difícil de igualar. O facto é ainda mais digno de admiração se nos lembrarmos de que Yvonne De Carlo, até hoje, só interpretou um filme, «Salomé», e que a maioria dos soldados que solicitaram a sua foto, nunca a viram no cinema!

A que se deve, pois, semelhante prestígio junto do exército? A resposta é só uma: ao corpo, ao extraordinário corpo de Yvonne De Carlo, considerado pelos estetas e pelos artistas o mais perfeito, na pureza de linhas e na beleza de formas, de quantos o cinema até hoje revelou.

Os soldados que admiravam nas páginas de «Look» ou da «Lifes» as imagens da sua plástica estonteante, só tinham um desejo: ter uma foto de Yvonne De Carlo, promovida imediatamente a «spin-up girls». Daí a situação de pedidos nos estúdios de Wanger!

Yvonne De Carlo tem hoje vinte e um anos. E é de tal forma surpreendente a sua beleza que Dorothy Lamour declarou formalmente não mais interpretar papéis de nativas das Mares do Sul e relegar os «serenões» para o rol das coisas inúteis, se Yvonne porventura se lembrasse de competir com ela nesse campo...



**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
RUADA EMENDA, 69 2. - LISBOA - TELEFONE 25844  
**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:**  
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27